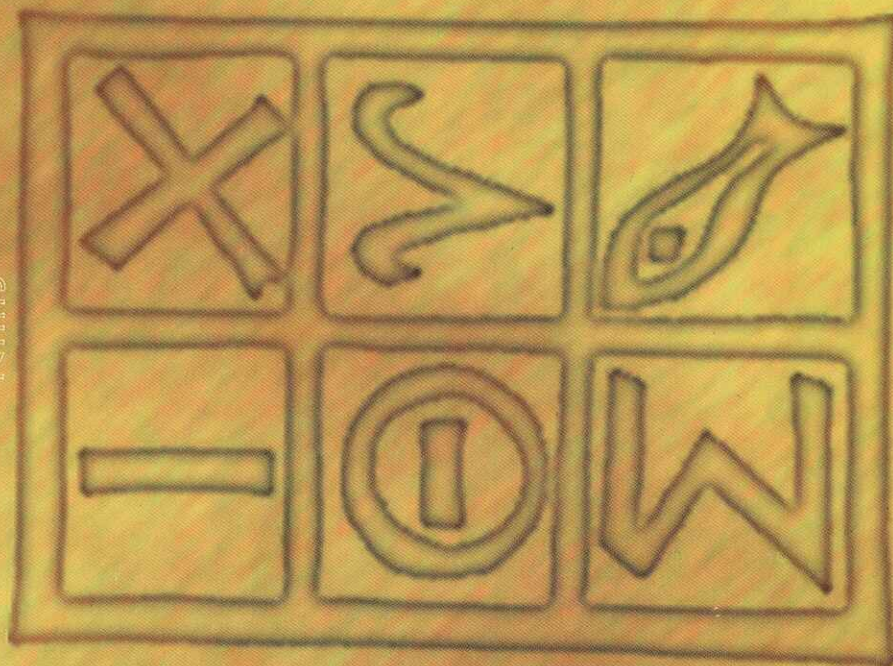


Em Marcha

2º semestre de 1997

ICTHYS



CRISTOLOGIA

CRISTOLOGIA. [CRISTO + LOG(O) + IA] TRATADO ACERCA DA PESSOA DE JESUS CRISTO E SUA DOUTRINA

ICTHYS - PEIXE EM GREGO. AS INICIAIS DAS CINCO PALAVRAS: JESUS CRISTO, FILHO DE DEUS, SALVADOR

Em Marcha

Cristologia



1997 - 2º semestre

Coordenadoria Nacional de Ação Docente
Lúcia Leiga de Oliveira

Departamento Nacional Editorial
Bispo Nelson Luiz Campos Leite

Coordenação de Produção
Rev. Mario Bueno Ribeiro

Redator
Rev. Ismael Forte Valentim

Equipe de Redação
Rev. Ismael Forte Valentim, Rev. Efraim Sanches Pereira, Revda. Zélia Soares de Souza, Rev. Pedro Gustavo da C. Coelho, Eunice Corrêa Sanches Bellotti, Rev. Oswaldo de Souza Junior.

Digitação
Rev. Ismael Forte Valentim

Produzida sob licença pela EXODUS EDITORA.

Projeto Gráfico
Sérgio Paulo Nunes T. Braga

Ilustração da Capa
Solarium Serviços Criativos

Arte
Samuel Fernandes

Editoração, Impressão
Imprensa da Fé

Pedidos e Correspondência
R. Dr. Luiz Arrobas Martins, 344
04781-000 São Paulo - SP.
Tel: (011) 246-8100
Fax: (011) 247-3755

Apresentação

Apresentamos à Igreja mais uma série de lições a serem estudadas pelos adultos em nossas escolas dominicais espalhadas por todo o território nacional. O tema desta revista é: Cristologia. Não se trata de nenhum compêndio teológico a respeito de Jesus Cristo, mas sim uma coleção de temas e reflexões sobre a vida, ministério e obra do Senhor Jesus. O conjunto de lições foi dividido em três unidades: I. A Pessoa de Jesus Cristo; II. A vida de Cristo, seu ensino e relacionamentos; III. Jesus e a obra restauradora de Deus. Em cada unidade temos a oportunidade de desenvolver algumas questões e refletir sobre alguns aspectos da ação de Deus em Jesus Cristo, seu ministério enquanto encarnação do Verbo, Palavra, contextualizando todo o significado de sua vida, a partir das realidades presentes na dimensão teológica, eclesial e doutrinária da Igreja Cristã e, particularmente, Metodista. Esperamos que ao terminar esta série de estudos possamos identificar melhor as origens dos pensamentos e práticas que observamos em nossa sociedade, aprofundando e fortalecendo nossa compreensão e postura frente a todos os desvios que foram feitos na rota que leva à concretização do Plano de Deus para o Homem: o seu Reino. Desejamos um bom trabalho aos(as) professores(as) e alunos(as).

UNIDADE 1 - A PESSOA DE JESUS CRISTO

- Lição 1** - Ser uma Igreja Cristocêntrica
 - Lição 2** - Jesus Cristo: o fundamento da nossa fé
 - Lição 3** - Jesus, a lei e as Escrituras
 - Lição 4** - O nome de Jesus tem poder
 - Lição 5** - Jesus e o discipulado
 - Lição 6** - Vivendo e aprendendo com Jesus:
- Uma Escola Diferente

**UNIDADE 2 - A VIDA DE CRISTO, SEU ENSINO
E RELACIONAMENTOS**

- Lição 7* - O Grupo de Jesus
Lição 8 - Misericórdia quero, e não sacrifício
Lição 9 - Superando preconceitos, aceitando a Jesus
Lição 10 - O Ministério sacrificial de Jesus
Lição 11 - A experiência do perdão
Lição 12 - O Ministério da reconciliação de Jesus
Lição 13 - A vitória na cruz

**UNIDADE 3 - JESUS E A OBRA
RESTAURADORA DE DEUS**

- Lição 14 -** O Sermão Profético de Jesus e a Escatologia
- Lição 15 -** “Isto é meu corpo”
- Lição 16 -** A vitória sobre a morte
- Lição 17 -** A ascensão de Cristo e o desafio missionário
- Lição 18 -** A vinda de Cristo

Cristologia

AS PRINCIPAIS ESCOLAS CRISTOLÓGICAS

Esta obra é uma introdução à teologia cristológica, apresentando uma visão geral das principais escolas cristológicas, desde os primeiros séculos até o presente. O autor, um teólogo experiente, aborda temas como a natureza de Cristo, a sua pessoa e a sua obra, sempre com base nas Escrituras e na tradição da Igreja.

Ser Untertitel Cristologia

sumário

UNIDADE 1 - A PESSOA DE JESUS CRISTO

Lição 1 - O conceito de Cristo

Lição 2 - A natureza divina de Cristo

Lição 3 - A natureza humana de Cristo

Lição 4 - A união das naturezas

Lição 5 - A divindade de Cristo

Lição 6 - A humanidade de Cristo

Lição 7 - O conceito de Cristo

Lição 8 - A natureza divina de Cristo

Lição 9 - A natureza humana de Cristo

Lição 10 - A união das naturezas

Lição 11 - A divindade de Cristo

Lição 12 - A humanidade de Cristo

Lição 13 - O conceito de Cristo

Lição 14 - A natureza divina de Cristo

Lição 15 - A natureza humana de Cristo

Lição 16 - A união das naturezas

Lição 17 - A divindade de Cristo

Ser Uma Igreja Cristocêntrica

INTRODUÇÃO:

Quando o pregador assume a palavra, nós dizemos: Deus vai falar através do seu servo.

Onde começam as palavras de Deus e não as do servo? É possível medir? É possível detectar? Não. E pior, para que gastar tanta energia nesse tipo de discussão?

No entanto, é possível entendermos melhor o que significa dizer "Deus fala através de nós". Na passagem de Mt 7.21-26 (já leram?), encontramos uma frase famosa: "em seu nome anunciamos a mensagem de Deus e pelo seu nome expulsamos muitos demônios e fizemos muitos milagres!", e ainda assim a resposta é: "nunca os conheci". Como pode ser? Aparentemente, tudo que o próprio Jesus fez fizeram em nome dele e Deus não os conheceu? Como entender isso? Talvez a experiência das primeiras comunidades nos ajude a encontrar um caminho.

AS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS: EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE DE MATEUS

É verdade que a comunidade de Mateus, onde ele vivia as experiências do cristianismo inicial, já estava enfrentando problemas do tipo "sou de Cristo verdadeiramente". Quando nos metemos a querer provar a autenticidade de nossos atos e a demonstrar que os atos dos outros estão errados, e



Mt 7.21-23

Segunda-feira
At 4.1-22

Terça-feira
Lc 9.18-21

Quarta-feira
1Co 10.1-13

Quinta-feira
1Jo 5.1-5

Sexta-feira
At 16.27-34

Sábado
Cl 1.13-23

1

não testemunham de Cristo, **grande perigo!** Para o texto que estamos lendo o critério de entrada no reino de Deus é "fazer a vontade do Pai que está no céu", ou ainda, "ouvir os ensinamentos e obedecer".

Para as primeiras comunidades, as palavras e vida de Jesus ainda recentes na experiência de todos, principalmente daqueles que viveram com o Mestre, era importante conversar sobre as possibilidades do melhor caminho a trilhar para ser um bom cristão, seguidor do Mestre.

A comunidade de Mateus está decidida a viver segundo o Reino da Justiça uma nova justiça. Deus é a medida. O relacionamento com e entre os irmãos e irmãs deve se processar num ato que imita a totalidade e a integridade do próprio ato de Deus. Isso é possível através de contínua prudência e discernimento diante das situações de recusa e hostilidade que a vida segundo o evangelho encontra.

O "Sermão da Montanha" é uma tentativa de reunir os ensinamentos do Mestre para ajudar a comunidade de Mateus nessa empreitada. **A nova justiça, neste bloco de ensinamentos de Jesus, está no andar pelo caminho da vida revelado pelos ensinamentos de Jesus.** Mas este caminho é sempre baseado num ato de discernimento. Tomam-se, então precauções contra falsos profetas que confundem a comunidade.

A nova justiça não é apenas teoria, mas é prática que realiza a vontade de Deus. A pessoa que acolhe o ensinamento de Jesus torna-se **homem "sensato" (linguagem inclusiva?)**. Ele constrói a casa sobre a rocha. A alternativa está clara: ou construir a vida sobre a rocha ou construir sobre a areia. O evangelho é sempre um apelo à liberdade para que a pessoa compreenda a si mesma em profundidade, assuma a sua vida e a oriente para a Vida que o realiza.

PROCLAMAÇÃO DA FÉ:

Outra experiência marcante sobre a busca da vida em Deus e do viver plenamente esse evangelho está narrada em At 4.1-22. Pedro e João são presos e interrogados pelo sinédrio após uma pregação entusiasta sobre Jesus. A discussão é tensa e Pedro faz um belo discurso sobre Jesus e a salvação. As autoridades mandando sair os acusados se perguntam: "Que vamos fazer com estes homens? Pois todos os moradores de Jerusalém sabem que eles fizeram um grande milagre e não podemos negar isso" (verso 16).

O livro de Atos é como um livro de memórias onde as primeiras comunidades cristãs, provavelmente paulinas, reuniram informações sobre como "tudo começou".

Interessante é a ênfase no fato de que sabemos do "poder" dos discípulos por que faziam o que o Mestre fazia. Mas o elemento de identificação do seguimento de Jesus não está nas curas e milagres, mas na **humildade** a frase na narrativa é muito explícita em relação a isso: "Os membros do sinédrio ficaram admirados com a coragem de Pedro e de João, pois sabiam que eram gente simples e sem instrução. Então reconheceram que tinham sido companheiros de Jesus" (verso 13).

Aparentemente a conjugação do **testemunho** de vida com uma "atitude" diante desta é que marcam o testemunho cristão: Prática e compromisso. Não é preciso mais do que sinceridade de coração, pureza de espírito, coragem para crer que a vida é possível nas mais diversas situações.

CONCLUSÃO:

Um dos grandes impecilhos para a vivência do cristianismo hoje está na manipulação perversa e tirana do evangelho. O pior de tudo é que talvez, às vezes, nós mesmos usamos esse tipo de recurso no desejo de sinalizar a vida em Cristo.

Nesses tempos de abuso do evangelho é necessário buscar a **sensatez** proclamada pela comunidade de Mateus e também a **humildade** do testemunho de Pedro e João.

Quanto mais arrogância colocamos em nosso estilo de vida, pior fica nossa possibilidade de testemunhar "em verdade" da vida plena em Cristo do Reino de Justiça de Deus.

Não há regras que dêem conta de "controlar" nossa tirania, mas também não há regras que possam identificar a plenitude, a totalidade das possibilidades de testemunhar a vida e o reino de Deus. Como podemos fazer, no entanto, para garantir que a vida seja possível sem manipulação?

Queremos uma igreja com uma liderança autêntica. Para isso, é preciso ter uma comunidade com vivência autêntica do evangelho. Queremos uma liderança com autonomia em sua espiritualidade não repetitiva de padrões de outras "igrejas de sucesso". Para isso, é preciso ter uma comunidade com autonomia em sua espiritualidade, vivendo plenamente sua espiritualidade em compromisso com nosso Deus da vida.

Jesus Cristo: O Fundamento da Nossa Fé

INTRODUÇÃO:

Como metodistas, nossa vivência da fé se inspira em algumas referências importantes:

1. A experiência de nascimento, vida e morte de Jesus Cristo;
2. A experiência de João Wesley e;
3. A experiência do metodismo histórico. Evidentemente, a experiência de Cristo é o eixo central de toda a nossa natureza, identidade e compromisso.

Por isso, na lição de hoje estaremos refletindo sobre este aspecto de nossa vida enquanto Igreja Metodista: **Jesus Cristo é o fundamento da nossa fé.** Inspirados na reflexão do texto de Mt 16.13-20 poderemos pensar sobre este tema. Lembre-mos que não se pode falar tudo sobre fé, uma vez que fé é, entre tantas outras coisas, experiência e prática, por isso rica e diversa. Mas, devemos falar um pouco das experiências vividas para compreendermos a necessidade de estarmos sempre refletindo sobre o que fazer diante das situações diversas.

A experiência encontrada no texto bíblico, baseada na comunidade de Mateus, pode ser instrumento para esta compreensão, e lançar luz sobre as dúvidas, e nos ajudar a estabelecer um caminho a ser seguido como cristãos e cristãs nesse mundo.



Mt 16.13-20

Segunda-feira
Mt 1.18-25

Terça-feira
Mt 9.35-38

Quarta-feira
Mt 12.1-8

Quinta-feira
Mt 12.46-50

Sexta-feira
Mt 15.1-20

Sábado
Mt 22.41-46

2

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Quais as expressões de manipulação da fé presentes na sociedade de hoje?
2. Como podemos reconhecê-las e não reproduzi-las?
3. Quais os desafios para uma experiência autêntica da fé cristã que estão diante de nossa comunidade local? Como fazer para responder esses desafios?

Na leitura do texto de Mt 16.13-20 (você já leu?) encontramos a famosa passagem da declaração de Pedro, “És o Messias, filho do Deus Vivo”, à qual Jesus responde “sobre esta pedra construirei a minha igreja e nem morte poderá vencê-la”. Esta passagem é citada também por Mc 8.27-30, e por Lc 9.18-21, o que demonstra a sua importância na preservação dessas palavras de Jesus na vida das primeiras comunidades cristãs.

É passagem, também, muito problemática na história do cristianismo, porque nos remete à “briga” entre Catolicismo Romano X Protestantismo, sobre quem tem a autoridade do ensino sobre Jesus. Particularmente gostaria de perguntar a vocês: Vale a pena investir energia e nossa reflexão sobre a fé nesse tipo de “disputa”? Espero que concordem comigo que é vão e não enriquece naquilo que queremos na realidade com este estudo: falar de Jesus e de como ele nos inspira para nossa vida de fé hoje.

Na história do Protestantismo observamos que esta passagem na Bíblia, nos ensina sobre a vital importância de afirmar Jesus como centro da identidade de qualquer Igreja Cristã. Mas não qualquer discurso ou declaração, mas aquela que identifica nele, em sua pessoa, o “Messias, filho do Deus Vivo”.

A **MESSIANIDADE DE JESUS** é um tema rico de interpretações, mesmo porque já era rico o jeito de esperar o Messias no judaísmo antigo (até hoje aliás...). Para nós cristãos, é possível resumir na ideia de que o cristianismo, por ter crescido muito entre povos que não esperavam **messias** algum, afirma a messianidade de Jesus na novidade da manifestação do próprio Deus entre nós.

Na realidade isso repercutiu entre nós com muito mais eficácia segundo a leitura do apóstolo Paulo sobre a questão: somos corpo de Cristo, ou ainda, Cristo é o cabeça de um corpo que é a Igreja (1Co 12.31). Veja, por exemplo, no artigo 13 dos **Vinte e Cinco Artigos de Religião do Metodismo Histórico** a melhor comprovação desta experiência eclesial na vivência histórica do cristianismo: “A Igreja visível de Cristo é uma congregação de fiéis na qual se prega a pura Palavra de Deus, e se ministram devidamente os sacramentos com todas as coisas a eles necessárias, conforme a instituição de Cristo”.

A Vida eclesial é comunitária, mas pressupõe experiência pessoal. Uma vez João Wesley escreveu a um dos pregadores itinerantes metodistas:

“Começa! Designa uma parte de cada dia para exercícios privados... Quer tenham prazer nisso ou não, estuda e ora diariamente. É para o benefício da tua vida: não há outra alternativa: de outro modo tu permanecerás frívolo todos os teus dias”.

A rigidez de João Wesley, inclusive seu caráter metódico, deu origem ao nome de nossa igreja. Mas não devemos ser muito rígidos com ele criticando-o de “radical”, mas também seria desonesto se simplesmente impuséssemos o regime obrigatório das devocionais sobre a vida de cada metodista. Na verdade, quando Wesley afirma a necessidade da reflexão devocional “com prazer nisso ou não”, está reafirmando a necessidade da **disciplina pessoal no exercício da fé**, e não estabelecendo uma prática obrigatória. Usa essa ênfase para falar da necessidade de sermos fiéis a Deus na compreensão de seu evangelho, para sermos fiéis na vivência do mesmo.

A frivolidade fruto da não prática de uma vida devocional pessoal é a própria experiência vazia de ir à igreja por ir, sem compromisso com Deus, consigo mesmo, com a comunidade e com a sociedade ao redor. Não há sentido na identidade cristã, se não temos uma vivência pessoal com Cristo que se cultiva no estudo, na oração, na leitura da realidade da comunidade e da sociedade.

CONCLUSÃO

A afirmação da pedra fundamental, Cristo, como o início de tudo em nossa identidade como comunidade cristã e metodista, implica no exercício dessa afirmação no cotidiano de nossas vidas e na maneira como isso edifica nossa experiência comunitária.

Em nosso Credo Social há a melhor descrição do que poderíamos falar nesse sentido :

1. A Igreja Metodista afirma sua responsabilidade cristã pelo bem-estar integral do homem, como decorrente de sua fidelidade à Palavra de Deus expressa nas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos.
2. Essa consciência de responsabilidade social constitui parte da preciosa herança confiada aos metodistas pelo testemunho histórico de João Wesley (item Nossa Herança).

Este compromisso social, marca do metodismo em sua história, é fruto de uma compreensão preciosa da afirmação "Tu és o Messias, o filho do Deus Vivo". Não há como viver a messianidade de Jesus sem afirmar o desejo de Deus pela vida plena, uma vez que ele mesmo é pura vida.

Por isso, a compreensão metodista da Missão Cristã no mundo está estreitamente relacionada à ideia de que a Missão é de Deus, nós somos colaboradores de Deus nesse desejo intenso pela vida digna para todas as pessoas.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. No estudo da lição, quais são os elementos fundamentais do metodismo?
2. Destes, o que significa a afirmação **Jesus Cristo, fundamento da nossa fé**?
3. Como sua igreja local tem vivenciado essa afirmação?
4. Como você tem vivenciado essa afirmação na sua vida pessoal?
5. Quais são os desafios para nós enquanto metodistas hoje, a partir dessas reflexões?

UNIDADE 1 - A PESSOA DE JESUS CRISTO

Jesus, a Lei e as Escrituras

Textos bíblicos:

a) Mt 5.17-20

17 Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir.

18 Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, de modo nenhum passará da lei um só i ou um só til, até que tudo seja cumprido.

19 Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus.

20 Pois eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.

b) Jo 13.31-35

31 Tendo ele, pois, saído, disse Jesus: Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado do nele;

32 se Deus é glorificado nele, também Deus o glorificará em si mesmo, e logo o há de glorificar.

33 Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco. Procurar-me-eis; e, como eu disse aos judeus, também a vós o digo agora: Para onde eu vou, não podeis vós ir.

34 Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a



Mt 5.17-20 e
Jo 31.31-35

Segunda-Feira
Mt 25.31-46 e
Mt 7.21-27

Terça Feira
Jo 9.1-41

Quarta Feira
Jo 10.1-20

Quinta Feira
Sl 119.9-24

Sexta Feira
Sl 19

Sábado
Jo 3.16 e 1Jo
3.16

3

vós, que também vós vos ameis uns aos outros.

35 Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros.

INTRODUÇÃO

A vida de Jesus Cristo e o seu Ministério estão intimamente ligados à Lei, uma vez que, como ele mesmo afirmou, veio em cumprimento da Lei. Jesus é a encarnação da Lei enquanto Palavra de Deus, a qual havia sido abandonada pelo povo de Israel, causando uma dificuldade muito grande em aceitar o Filho de Deus, suas práticas, hábitos e experiências fundamentadas na Lei maior, ou princípio pelo qual todas as demais podem ser entendidas e vividas: o AMOR.

REFLETINDO SOBRE OS TEXTOS

Para conhecer melhor os textos é importante refletir um pouco sobre a situação das comunidades que preservaram a memória de Jesus.

Lei e fé - as comunidades relembram Jesus

Os evangelhos contam a história de Jesus com a intenção de fortalecer a fé das comunidades cristãs. Com Mateus e João isso não é diferente. As comunidades enfrentavam um problema sério em relação à Lei. Relembrar a vida e o ensinamento de Jesus era a forma de enfrentar esse problema.

a) conhecendo a situação da comunidade de Mateus

A comunidade de Mateus vivia dentro do judaísmo pós-destruição do Templo (70 A.D.). Algumas lideranças religiosas do judaísmo apontavam que a única forma de religião era guardar a Lei. Porém, Lei era uma série de preceitos que deveriam ser cumpridos. Quem não vivesse de acordo com o rigor desses preceitos estaria excluído dos centros religiosos e também da vida econômica. Portanto, o único modo de sobreviver religiosamente e economicamente seria renegar o cristianismo e viver o legalismo.

Para o discurso legalista, quem praticasse a Lei (esses preceitos) era considerado um justo. A comunidade de Mateus, para enfrentar esse problema, passa a relembrar os ensinamentos de Jesus, enfatizando sua relação com a Lei. Esse texto chave da lição nasce dessa situação. Para entendê-lo, devemos destacar alguns pontos:

- A Lei, antes de se tornar preceitos a serem cumpridos, tinha o papel de orientadora da vida. É nessa perspectiva que o cristianismo vai interpretar a Lei. Quando nosso texto afirma que Jesus veio cumprir a Lei, é esse conceito de Lei que está por trás da afirmação;

- Nesse conceito, o justo que pratica a Lei é o que defende a vida. Isso é o que vemos em todo o evangelho de Mateus, o justo é o que deu alimento, atenção, roupas aos pequeninos (Mt 25);

- Com isso, a prática da Lei e o viver a justiça estão profundamente relacionados com a ação em favor da vida. Por isso, a ênfase no relacionamento Lei e amor. O verdadeiro amor é a defesa da vida do outro e da outra. Entenda-se vida não só pelo aspecto religioso, mas também social. A comunidade que pela fé em Cristo era excluída da vida religiosa e social defendia que em Cristo todos e todas eram objetos do amor que defendia a vida em plenitude.

b) conhecendo a situação da comunidade de João

A comunidade joanina vivia a mesma situação, porém agravada pelo passar do tempo (o evangelho de João foi escrito cerca de 10 a 20 anos depois do evangelho de Mateus). Deste modo, o conflito estava acirrado.

No capítulo 9 vemos a situação de um cego de nascença. Nesse capítulo todos renegam o cego. Começa pelos discípulos que acham que ele é pecador e, por isso, nasceu cego. Depois as lideranças religiosas que o expulsam porque ele foi curado no dia errado (sábado - o dia é mais importante que a vida) e os próprios pais, que preferiram estar bem com as lideranças religiosas que alegrar-se com o filho curado. Ao contar essa história, a comunidade não só falava do passado (a vida de Cristo) mas também refletia sobre o presente (sua própria vida).

Em meio a essa situação, João, sem conhecer o evangelho de Mateus, vai explicitar aquilo que a comunidade de Mateus apontou: a Lei maior que rege a vida de todos é o amor. Amor é dar sua vida pelos demais (Jo 10 e 1Jo 3.16 - atenção: o texto é da primeira carta de João, capítulo 3 verso 16, não confundir com Jo 3.16).

Nosso texto aparece dentro dessa perspectiva. O verdadeiro discípulo é aquele que ama à semelhança do amor do Pai e do Filho.

REFLETINDO SOBRE O ENSINO

Desses dois textos bíblicos podemos tirar "tesouros" para nossa vida. Em primei-

ro lugar, não há uma rejeição da Lei. Esses textos recuperam o conceito de Lei como restaurador a orientador da vida (Sl 19.8-11).

Em segundo lugar, o justo (que pratica a Lei) é o que ama, ama em todas as situações do cotidiano (Mt 25). O cristianismo é conhecido, nesses textos, como uma expressão de amor ao próximo que, à semelhança do Cristo, busca propiciar a vida (e vida em abundância).

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Qual a Lei que rege a nossa vida e a vida de nossa comunidade?
2. De que modo essa Lei busca propiciar vida?
3. Essa Lei promove o amor em favor do próximo?
4. Enfatizamos que somos conhecidos como discípulos à luz dessa Lei do Amor?

UNIDADE 1 - A PESSOA DE JESUS CRISTO

O Nome de Jesus tem Poder

INTRODUÇÃO



Jo 9.1-12

Segunda-feira
Jo 2.1-11

Terça-feira
Jo 4.46-54

Quarta-feira
Jo 5.1-9

Quinta-feira
Jo 6.1-15

Sexta-feira
Jo 6.16-21

Sábado
Jo 11.1-44

4

No tempo de Jesus, a doença era sinal da presença demoníaca. Por isso, a cura das enfermidades se torna o sinal privilegiado da presença divina (Jo 9.3). Dentro da crença do povo no qual se encarnou, o Filho de Deus comunica a libertação que Deus traz ao mundo. Faz andar (Mc 2.1-12), ver (Mc 8.22-26), falar e escutar (Mc 7.31-37). A credibilidade de Jesus (Mc 1.21-22) surge de sua prática concreta e coerente com sua Palavra. As curas são sinais da presença divina de Deus no mundo, que se contrapõem à presença diabólica, que é amarrar, tapar os olhos, calar e esconder. Curando, Jesus expulsa (Mc 1.21-28), cala (Mc 3.7-12), conhece pelo nome, tem domínio sobre (Mc 5.11-20; 6.6-13) os espíritos maus que dominam as pessoas. Agindo assim, Jesus dá condições para que as pessoas saibam discernir a verdade da mentira, a realidade da aparência, o que é de Deus e o que é do diabo.

No Evangelho de João, encontram-se relativamente poucos milagres. São sete ao todo: As bodas de Caná, (Jo 2.1-11); a cura do filho de um funcionário real, (Jo 4.46-54); a cura de um enfermo no tanque de Betesda, (Jo 5.1-9); a multiplicação dos pães, (Jo 6.1-15); a caminhada sobre o mar, (Jo 6.16-21); a cura do cego de nascença, (Jo 9.1-12); a ressurreição de Lázaro, (Jo 11.1-44). As bodas de Caná e a ressurreição de Lázaro só são registradas por João. Para ele Jesus não faz mila-

gres só por fazer. Jesus faz milagres com autoridade própria e não pedidos. Esta lição focaliza um dos sete milagres registrados por João.

A CURA DO CEGO DE NASCENÇA

A cegueira era frequente na Palestina. Talvez por causa do clima. A cura era rara. Embora não sofressem a discriminação dos leprosos, também os cegos eram tidos como pecadores, por duas razões: Porque se fossem bons, Deus não os teria castigado e porque, como cegos, não tinham possibilidade de cumprir todos os mandamentos e, conseqüentemente, se não eram, se tornavam pecadores.

A cura da cegueira era um desejo tão grande e, naquele tempo, só esperada através de uma intervenção divina, um milagre. Por isso dizia-se que, quando chegasse o Messias, ele haveria de restituir a vista aos cegos (Is 29.18 e 35.5). Jesus faz referência a isto (Lc 4.18) e confirma sua messianidade pela cura da cegueira (Mt 11.5, Lc 7.22).

Sempre que o escritor de João conta um milagre (sinal) de Jesus, quer insistir num tema teológico presente em todo o seu conteúdo: LUZ/TREVAS é bastante acentuado no Evangelho. Vai neste mesmo sentido a cura do cego de nascença, ou seja, a contraposição entre cegueira e visão. João parte de um sentido experimental. Todos sabem o que são trevas e o que é luz, o que é ser cego e o que é enxergar.

Pensando que a cegueira daquele homem era conseqüência de algum pecado específico, que ele mesmo ou seus pais tinham cometido, os discípulos de Jesus desejam saber de quem era a culpa. Se do próprio cego ou se de seus pais. Esta pergunta parece absurda. No entanto, na época em que foi feita não era, pois a concepção judaica declarava cada doença como conseqüência do pecado, do castigo de Deus (Jo 5.14). Por isso, doentes e portadores de deficiência física eram marginalizados. Ao responder que nem o cego ou seus pais haviam pecado, Jesus não os está isentando de pecado mas mostrando que a cegueira não é conseqüência do pecado. Se a doença fosse castigo de Deus, os crentes não iriam sofrer, e os descrentes seriam castigados duramente. O que se percebe muitas vezes é o contrário. Frequentemente, os grandes pecadores passam pela vida com um mínimo de sofrimento, enquanto os grandes santos, homens e mulheres de conduta inculpáveis sofrem mais. O exemplo de Jó mostra que o sofrimento pode vir a uma pessoa a despeito de sua bondade, e através do ensino de Jesus aprendemos que **a ligação entre pecado e doença está quebrada e a ligação entre perdão e amor é real**izada. Jesus dá um enfoque positivo no que se refere ao cego, transformando a doen-

ça em instrumento de manifestação das obras de Deus, contrária à concepção dos fariseus de que a doença é castigo. A cura processada no tanque de Siloé, por meio e métodos incomuns, revelou a obra de Deus, isto é, relevou aquilo de que Deus é capaz. Dando visão ao cego de nascença, realizando o humanamente impossível, Jesus demonstrou que, em si, tinha poder e autoridade para se apresentar como a Luz do mundo e o Salvador da humanidade.

ANDEM COMO FILHOS DA LUZ

Jesus ao tirar o cego de suas trevas, revelou ser a Luz do mundo. Porém, a sua preocupação maior não está na visão física, porque há uma cegueira mais triste ainda - a cegueira espiritual que hoje marginaliza milhões de pessoas, fora e dentro das igrejas, usando-se para isto, leis, tradições e argumentos, através dos quais também hoje os que se consideram donos da verdade impedem que a situação mude e não aceitam serem questionados em suas posições.

A tensão entre luz e trevas está presente em nossos dias. Ela surge sob a forma da falta de assistência médica e educacional, na má distribuição de nossas terras, no salário de fome, na falta de moradia, de emprego etc. Jesus quebra e rompe com tudo isso, sem estardalhaço. De repente, cego não é mais aquele que assim tinha nascido, mas os verdadeiros cegos são os que não querem ver, não querem entender que o tempo oportuno (Jo 9.4) é agora; agora, hoje, é o tempo de realizar as obras da luz, obras que rompem com preconceitos e preconceitos reinantes no mundo chamado moderno e desenvolvido. Portanto, a percentagem de cegos físicos é insignificante diante da imensa multidão daqueles que estão nas trevas da ignorância de Deus e tateando sem rumo na vida.

CONCLUSÃO

Este milagre não se constitui no elemento básico para Jesus se credenciar diante do povo como o Filho de Deus. Sua palavra e pessoa eram suficientes para creditá-lo perante o povo. Seus próprios inimigos disseram sobre ele estas palavras: "Jamais alguém falou como este homem" (Jo 7.46).

A principal finalidade deste milagre é a de que o nome de Deus fosse exaltado e glorificado. À medida que o poder de Deus é manifestado por sua intervenção soberana, os homens e as mulheres, em sua pequenez e fragilidade, sentem em sua vida a grandeza e o domínio do Senhor sobre todas as coisas. Milagres que só promovem o sucesso material e econômico da vida humana são falsos. Na fascina-

ção e exaltação produzidas nas pessoas que buscam este tipo de milagre está o grande perigo. Cuidado! Jesus não permite que as pessoas pensem apenas nos milagres, nos benefícios. A finalidade do milagre em João é provocar a conversão dos indivíduos e da sociedade, para que haja manifestação da glória de Deus, os milagres existem e acontecem quando Deus quer e a fim de ajudar o povo a abrir-se para sua mensagem, a dispor-se para aderir ao projeto de Cristo pela fé e a reconhecer nele o Messias e o filho de Deus.

O maior milagre é aquele que nos transforma em novas criaturas (Jo 3.3-5); dá-nos a "vida eterna" (Jo 3.16) e faz-nos filhos e filhas de Deus pela fé em Jesus Cristo (Jo 1.12) que enche e continuará enchendo nossos corações da presença e do poder de Deus para sempre.

Ao curar o cego de nascença, Jesus não estava se exibindo e nem pretendeu chamar a atenção das pessoas para o fato em si. O objetivo era levar os homens e mulheres a procurarem a causa, o poder que produziu o fato miraculoso. Ele deseja que as pessoas se voltem para Deus, como fonte de todo poder e virtude.

Em meio a tanta confusão religiosa de nossos dias, num mundo tão complexo, os problemas se multiplicam na vida humana, não faltando os exploradores do sofrimento e das crendices. O cristão fiel precisa redobrar a vigilância para não ser enganado pela aparência das coisas, e pelas emoções de seu próprio coração, por ser naturalmente enganoso (Jr 17.9). A Palavra de Deus, e não o coração é o guia da vida cristã.

PENSE NISTO:

"Condenar a atitude do povo é relativamente fácil. Mas encontrar o vazio interior que leve o povo a procurar os milagres, isso é muito difícil, em vez de julgar levianamente o sentimento do povo, talvez fosse mais honesto fazer uma séria revisão das nossas atitudes. Estamos oferecendo ao povo esperança, algo que lhe abra a porta de um futuro melhor e pelo qual vale a pena lutar?"

Será que não se deve ver, nessa crescente busca de milagres um sinal de que está aumentando o desespero do povo que já desacreditou de todas as soluções oficiais, tanto do governo como da Igreja, será que não é o caso de "ter compaixão porque são como ovelhas sem pastor" e de oferecer-lhes em toda a sua plenitude, a "Boa Notícia do Reino?" (Carlos Mesters)

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. O que foi que Jesus teve como alvo na realização de seus milagres?
2. Os milagres procedem sempre de Deus? O que caracteriza os últimos dias?
3. Qual o maior milagre que Deus pode operar na vida da pessoa e da sociedade?

Jesus e o Discipulado



Jo 8.28-38

Segunda-Feira
Lc 14.15-24

Terça Feira
Mc 17.10-22

Quarta Feira
Jo 6.66-71

Quinta Feira
Jo 4.1-42

Sexta Feira
Mt 5.14-16

Sábado
Jo 15.1-14

5

Texto bíblico: Jo 8.28-38

28 Prosseguiu, pois, Jesus: Quando tiverdes levantado o Filho do homem, então conhecereis que eu sou, e que nada faço de mim mesmo; mas como o Pai me ensinou, assim falo.

29 E aquele que me enviou está comigo; não me tem deixado só; porque faço sempre o que é do seu agrado.

30 Falando ele estas coisas, muitos creram nele.

31 Dizia, pois, Jesus aos judeus que nele creram: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sois meus discípulos;

32 e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

33 Responderam-lhe: Somos descendentes de Abraão, e nunca fomos escravos de ninguém; como dizes tu: Sereis livres?

34 Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado.

35 Ora, o escravo não fica para sempre na casa; o filho fica para sempre.

36 Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.

37 Bem sei que sois descendência de Abraão; contudo, procurais matar-me, porque a minha palavra não encontra lugar em vós.

38 Eu falo do que vi junto de meu Pai; e vós fazeis o que também ouvistes de vosso pai.

INTRODUÇÃO:

Analisar com a classe a "escola" fundada por Jesus com o objetivo de preparar mentes e corações para a continuidade de sua obra, tendo em vista a ação reprodutora da Palavra de Deus

REFLETINDO SOBRE O TEXTO

O capítulo 8 do evangelho de João é um "relato de controvérsia". Esse é o nome dado às histórias das "brigas" entre Jesus e autoridades religiosas da época. A finalidade desses relatos não é de mostrar a briga (não há edificação nisso), mas localizar o objeto da discussão. O importante não é o conflito mas sim o que provocou o conflito. Geralmente quando temos um relato desse tipo, temos dentro dele uma lição de fé para a comunidade cristã. Ou seja, quando João relata esse conflito, ele quer apontar algo tão importante para a vida cristã que vale a pena "brigar" por isso.

O tema que está detrás desse relato é o verdadeiro discipulado. Muitos acreditavam que pela herança sanguínea já eram verdadeiros discípulos, mais que isso, filhos (Filhos de Abraão).

O texto vai ensinar que o verdadeiro discípulo é o que conhece e permanece nos ensinamentos de Jesus. Na lição "Jesus, a Lei e as escrituras", pudemos ver que a comunidade cristã entende que a verdadeira Lei/escritura promove a vida. Aqui, percebemos que essa Lei é explicitada nos ensinamentos de Jesus. Quem quer ter Vida, deve conhecer e permanecer nos ensinamentos de Jesus.

REFLETINDO SOBRE O ENSINO

A partir desse ensino que provém do texto é que temos a verdadeira liberdade. O conflito aqui é que aqueles e aquelas que vivem debaixo do rigor de uma Lei caracterizada por regras a serem seguidas, por mais que se apresentem como filhos, são, na verdade, escravos. O sangue não é suficiente para trazer a liberdade. Porém, os que conhecem e permanecem nos ensinamentos de Jesus, esses são verdadeiramente livres.

É importante destacar que o texto não apresenta o conhecimento como única exigência do discipulado. Deve-se conhecer e permanecer. Entenda-se permanecer como estar afiliado a esse compromisso, tornar-se parte desse modo de viver, ou seja, é importante conhecer e praticar o que se aprende.

Deste modo, a comunidade cristã é marcada pelo discipulado. Ser discípulo é conhecer/permanecer nos ensinamentos de Jesus.

Jesus chama, ensina e envia. Os verdadeiros discípulos são enviados para pagar o ensino da verdadeira liberdade. A verdadeira liberdade só é alcançada mediante o conhecimento e prática do "caminho" que é Jesus.

Essa lição é tão importante que as comunidades cristãs a guardaram na memória e contaram aos filhos e aos filhos dos filhos. Por isso, cerca de 60 anos depois da morte e ressurreição de Jesus (quando o evangelho de João foi escrito) essa história/ensinamento ainda estava viva na memória das comunidades cristãs e foi registrada no evangelho.

CONCLUSÃO

É a partir desse ato de guardar na memória, relembrar e contar que encontramos uma importante lição acerca do verdadeiro discipulado. Os ensinamentos de Jesus devem ser conhecidos e praticados, pois eles são fonte da Vida. Porém, para que isso aconteça, a mensagem tem de ser transmitida, anunciada, proclamada por todos os que foram alcançados por esta mensagem de Vida e Salvação em Jesus Cristo. É bom falar daquilo que experimentamos.

QUESTÕES PARA REFLETIR

Frente a esse desafio - transmitir, conhecer e praticar - devemos responder a algumas perguntas:

1. Há em nós e em nossa comunidade um interesse em conhecer o ensino desse que nos traz a verdadeira Liberdade? Como isso pode ser percebido?
2. Há em nós e em nossa comunidade um verdadeiro interesse em transmitir esse ensinamento? Como isso pode ser percebido?
3. Finalmente, há em nós e em nossa comunidade um forte compromisso de praticar esses ensinamentos? Como isso pode ser percebido?

UNIDADE 1 - A PESSOA DE JESUS CRISTO

Vivendo e Aprendendo com Jesus (Uma Escola Diferente)

INTRODUÇÃO



Mt 4.12-25

Segunda-feira
Jo 1.35-42

Terça-feira
Mt 11.25-30

Quarta-feira
Jo 6.66-71

Quinta-feira
Jo 10.1-18

Sexta-feira
Lc 24.13-35

Sábado
Jo 13.1-11

Ao lermos o Evangelho de Mateus, observamos que a relação com a vinda do Messias, Filho de Deus, anunciado no Antigo Testamento, é muito bem trabalhada enquanto ligação e continuidade, para não falar da confirmação profética a respeito de Jesus. A questão do aprendizado, enquanto fundamento para a perpetuação da vida e mensagem pregada pela religião judaica, é retomada por Jesus em sua vida e ministério, particularmente em sua ação docente, como Mestre reconhecido por aqueles que conheciam o conteúdo da mensagem salvífica de Javé.

O ENSINO (A DIDÁTICA)

Jesus tinha um método pedagógico peculiar que fica evidente pela sua rotina, pelo lugar ou sala de aula em função do perfil de seus alunos e alunas. Assim, faremos as seguintes perguntas ao texto: Como, e com que frequência Jesus ensina? Em que local ele ensina? A quem ensina?

a) Como, e com que frequência Jesus ensina?

Diz o texto que Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando... Na linha de certos filósofos gregos, Jesus adota o método peripatético de ensino pelo qual o Mestre saía em busca do aluno e, na companhia dos mesmos, em busca das experiências e do saber.

6

Para os filósofos gregos, tal prática estava aliada ao amor pelo saber (filos = amor + sofia = sabedoria). Este por aprender, leva o filósofo sempre, e de novo, aos lugares do saber. Também Jesus, o Mestre, voltava aos seus "centros acadêmicos", que diferiam muito das escolas e universidade de hoje.

b) Em que local ele ensina?

Onde ficava afinal a escola de Jesus? Por seu modo peripatético (peri = ao redor + pathos = caminho) já podemos identificar o espaço pedagógico por excelência de Jesus.

Jesus ensinava no caminho (...) e na beira do caminho (...); no templo e nas sinagogas (...); nos campos (...) e nas colinas (...) e, particularmente no nosso texto, nas casas dele e à beira-mar.

O mar, neste caso não passa do grande lago de água doce da Galiléia, próximo à Cafarnaum, onde residia Jesus. Nesse mesmo contexto geográfico foram chamados, Simão Pedro e André, bem como, Tiago e João. O "mar" era a fonte de renda de muitos trabalhadores e mesmo a única possibilidade de obtenção de alimentos dos mais pobres. Frequentado por Jesus, foi palco de muitos sinais e cátedra de muitas lições (didaskalia) de uma incommon Escola Dominical (do latim Dominus = do Senhor).

c) A quem Jesus ensinava?

O corpo discente (alunos e alunas) que frequentava a Escola do Senhor (Dominical) não era dos mais comportados. Longe de serem estudantes exemplares, eram, na maioria, iletrados, famintos, rudes, habitantes de periferia de um mundo dominado culturalmente pelos clássicos gregos, teologicamente pelo legalismo fariseu e, politicamente pela violência romana.

Não dá, simplesmente, para comparar aquela a uma escola de periferia de nossos dias.

Porque, na verdade Jesus ia muito além dos limites da periferia. Não raro, entre seus alunos mais aplicados, encontramos deficientes físicos e mentais (...), prostitutas (...), crianças de colo (...), **párias** sociais (...), donas de casa (...), gente da roça (...), camelôs da cidade (...), pobres de todas as profissões, **cores e caras**.

Esse foi o "colégio" que Jesus elegeu para lecionar. Não escolheu o Templo Judaico, nem as praças dos gregos, nem ainda o circo romano. Ser mestre, no método de Jesus, é "ir aonde o povo está", onde o povo vive. Porque o povo também estava no Templo, nas praças e no circo. Mas lá não é onde as pessoas moram. Lá elas vão para esquecer da vida. Jesus vai até elas para mudar suas vidas.

CHAMANDO E PREPARANDO OS PROFESSORES

Assim como nos dias de hoje há uma preocupação muito grande com a formação de quadros ("Conselho de Obreiros"), para o trabalho docente, Jesus também se preocupou em formar sua Equipe de Trabalho, composta por pessoas que estariam aprendendo para em seguida ensinar. A formação que Jesus ofereceu aos discípulos foi a mais eficaz enquanto método pedagógico: caminharam juntos, experimentaram juntos, viveram juntos uma série de experiências que os capacitaram a conhecer, aceitar e propagar o ensinamento recebido do Mestre. Segundo Mateus, o primeiro grupo de homens que comporiam o grupo dos discípulos, já conhecia bem o trabalho em equipe, ou seja, a atividade pesqueira como era desenvolvida por aqueles homens, exigia um senso acurado de participação, entrosamento e cooperação, caso contrário não teriam sucesso em seu empreendimento. Por outro lado, um trabalho que exigia coragem e disposição, enfrentando o desconhecido, guiando-se pela experiência de vida e conhecimento do assunto em que estavam envolvidos. Tratavam-se de pessoas com um perfil que se ajustava muito bem à escola que estava se formando, uma vez que seria necessário: muita coragem, disposição e espírito de cooperação para levar adiante o aprendizado que estavam recebendo, o qual estava diretamente relacionado à vida, em seu sentido mais amplo, na dimensão de sua restauração.

CONCLUSÃO

Ao observarmos a vida, ministério e obra do Senhor Jesus, entendemos a importância do fator pedagógico (meio de condução ao saber, do conhecimento), uma vez que o Mestre dos mestres nos vocaciona ainda hoje para nos dedicarmos ao ensino da Palavra, fazendo conhecido o Plano de Deus, promovendo a restauração da pessoa e da sociedade, resgatando o real sentido da vida. Jesus espera que com a mesma dedicação e disposição dispensadas nas atividades seculares, inclusive no campo docente, estejamos nos envolvendo com a sua obra, sua casa, seu Reino, de maneira a propiciarmos o surgimento de uma nova sociedade, moldada nos valores do Evangelho, aprendendo o real significado e sentido da vida humana.

O Grupo de Jesus

INTRODUÇÃO



Lc 9.10-17

Segunda-feira
Lc 4.38-39

Terça-feira
Lc 5.1-11

Quarta-feira
Lc 5.17-26

Quinta-feira
Lc 5.29-32

Sexta-feira
Lc 6.12-19

Sábado
Lc 6.32-38

7

Nosso objetivo nesta lição é apontarmos a importância do trabalho em equipe, método que o Senhor Jesus utilizou na realização do seu ministério, chamando as pessoas a participarem da manifestação do amor, poder e misericórdia de Deus, trazendo a vida em todas as suas dimensões, operando o maior milagre: do nada fazer surgir tudo.

O QUADRO ONDE SE MOVEM AS AÇÕES

O texto que lemos apresenta os discípulos em ação após o envio feito por Jesus na primeira parte do capítulo (Lc 9.1-6). Este capítulo encerra uma seção dentro do Evangelho iniciado no capítulo 4, a qual é chamada de ministério Galileu de Jesus. Pode-se notar este ambiente Galileu através de alguns elementos importantes no texto.

Primeiramente, o texto lido enuncia o nome de Herodes, o tetrarca da Galiléia, filho de Herodes, rei de Israel por ocasião do nascimento de Jesus. Este Herodes, tetrarca da Galiléia, mandara prender e depois matar João Batista. Ele vivia atemorizado de perder seu reino, caso não conseguisse manter o povo em ordem e paz, o que não quer dizer justiça, haja visto que a Judéia fora perdida pela família herodiana, em função das freqüentes rebeliões ocorridas, o que provocou a nomeação, por César, de um Procurador Romano, no caso, Pôncio Pilatos.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Que outros exemplos podemos apresentar sobre a importância do ensino na vida e ministério de Jesus Cristo?
2. Como temos nos envolvido com a questão do ensino em nossas Igrejas, especialmente na escola dominical?
3. Como sua comunidade tem vivenciado esta dimensão do trabalho em equipe, da cooperação, do empenho mútuo para a transformação da pessoa e sociedade?

A segunda informação é a indicação de Betsaida, ao norte do lago (mar da Galiléia), e cujo nome indica sua base econômica, "casa da pesca" ou da provisão", em aramaico. Ou seja, uma cidade de pescadores como Cafarnaum.

Deste modo o início do ministério de Jesus na Galiléia já nos dá uma indicação importante, era começar fazendo uma adesão pela gente sofrida que ali vivia. A Galiléia era região rica, mas altamente espoliada, porque além do imposto da terra devido aos romanos, havia os impostos indiretos, cobrados pela administração de Herodes, e mais o dízimo do Templo devido por todo israelita. Tal situação explica os diversos levantes revolucionários na Galiléia causados pelo crescente empobrecimento da população.

AS AÇÕES MISSIONÁRIAS EM TEMPO DE CRISE

A situação que vivia o povo fazia com que ansiassem por uma intervenção de Deus em seu destino, mais do que nunca era tempo de ansiar pela vinda do Messias.

Assim, o ministério de Jesus passou a representar uma resposta aos anseios do povo. De que modo se estrutura o ministério de Jesus? Primeiro, Jesus organizou um grupo base, seus discípulos. Segundo, os discípulos passaram a conviver e aprender com Jesus, e isto ocorre desde o início do ministério do Senhor, já no capítulo quatro, ele está na casa da sogra de Pedro, o que prova já haver um grupo base de discípulos, até no capítulo seis quando organiza o grupo mais próximo: os doze (Lc 4.35-39 e Lc 6.12-16).

Deste modo, a primeira lição está na dimensão comunitária da fé, do aprender juntos e do fazer juntos, sermos, enfim, uma equipe. Nesta direção é que Jesus enviou os discípulos dois a dois para serem em prática o que haviam aprendido, isto ocorre no capítulo 9.1 e no 10.1, sempre com o objetivo de serem, enquanto comunidade de fé, uma resposta aos que estavam carentes de todas as formas, ou seja, existirem para a Missão.

TRABALHANDO EM EQUIPE

O relato lido (Lc 9.10-17) começa mostrando o nível de responsabilidade que deve haver num trabalho em equipe, como deve ser o da Igreja. Após enviar os discípulos, Jesus os recebe de volta, estes têm um relatório a dar, e o texto diz que Jesus se retirou com eles para Betsaida, o que mostra o interesse do Mestre em ouvi-los e, quem sabe, avaliar as experiências vividas por eles na missão.

Outro elemento decisivo no ministério de Jesus era o acolhimento amoroso que ele dava ao povo (Lc 9.11). Neste acolhimento havia ações missionárias diversificadas, mas todas dirigidas aos anseios do povo, tanto ensinando acerca do reino de Deus, ou seja, o plano de Deus para a vida humana em comunidade hoje, e também na eternidade, como curando os enfermos que se aproximavam dele.

Na caminhada missionária surge uma dificuldade: o povo tinha que se alimentar. Os discípulos procuram Jesus com duas soluções: a primeira era de despedir o povo para que buscasse o que comer nas aldeias e campos; a segunda surge em função da frase desafiadora de Jesus: "Dai-lhes vós mesmos de comer." (Lc 9.13). E a proposta dos discípulos foi ao constatar a falta de provisão de alimento para tanta gente, e sugerindo que eles mesmo fossem comprar comida para o povo.

A resposta de Jesus diante do curto alcance das propostas dos discípulos, já que o povo que lhes seguia era muito pobre, certamente fora de casa não teriam dinheiro para comprar o que comer, por outro lado, ao que parece, as economias da comunidade dos discípulos não seriam suficientes para alimentar tantas pessoas. Jesus, então, toma os recursos disponíveis, cinco pães e dois peixes, organiza o povo em grupos menores (50 pessoas), homens, mulheres e crianças. Em seguida Jesus entrega a Deus os recursos: "...erguendo os olhos para o céu...", em seguida o próprio Jesus abençoou, partiu e deu os recursos multiplicados, os discípulos participaram distribuindo ao povo. Aqui aprendemos que a solução a todo o desafio missionário em tempo de crise ou em qualquer tempo está em:

1. Sermos companheiros de Jesus, formando com ele um só corpo, uma só equipe;
2. Nos organizarmos em grupos, de modo que todos possam ser atendidos;
3. Reconhecermos que toda boa dádiva vem da bênção de Deus, e não há trabalho, por mais bem organizado que seja, que possa dispensar a busca da bênção do poder de Deus, tal dependência é imprescindível.

CONCLUSÃO

Diante de todas as dificuldades, necessidades e carências, o milagre aconteceu, e de modo tal que além de alimentar todo o povo (Lc 9.16-17) formou-se uma provisão para o dia seguinte, doze cestos, há plena suficiência e sustentação na presença de Jesus e de seus companheiros. A lição que devemos tirar nesta ocasião é que unidos e em Jesus, depositando em suas mãos nossas vidas, recursos e disposição, diariamente, haverá através de nós respostas para os que sofrem e a bênção do suprimento integral continuará a ser uma realidade em nosso meio.

Misericórdia Quero e Não Sacrifício

INTRODUÇÃO



Mt 12. 1-8

Segunda-feira
Mq 6.6-8

Terça-feira
Mq 7.11-20

Quarta-feira
Sl 6

Quinta-feira
Sl 103

Sexta-feira
Sl 136

Sábado
Lm 3.22-32

8

Observamos que em algumas citações bíblicas é mostrado ao ser humano a idéia de quanto mais “estreito e apertado o caminho, é ele que conduz para a vida”; e o fato de “Deus repreender, disciplinar a quem ele ama”, foi criando na mente do ser humano situações que o fizeram adepto de pensamentos tais como “obrigações e deveres” para com isso se obter a graça e a bênção de Deus no decorrer de nossa existência.

Ao estudarmos como Deus manifesta a Sua misericórdia, sentimos que os seus predicações e caráter vêm de encontro ao homem que busca a salvação em Cristo Jesus e não apenas ao zeloso cristão, preocupado em sacrificar-se em função de seu sentimento de religiosidade.

CUMPRIMENTO DA LEI X NECESSIDADES DO SER HUMANO

O texto básico de nosso estudo mostra a importância que os fariseus (insistentes no cumprimento rigoroso da lei) davam às tradições religiosas. Essa importância trazia restrições de princípios morais em função de aspectos cerimoniais e rituais, em relação à observância do sábado. Jesus procura retificar essa posição, colocando através do serviço o caráter misericordioso de Deus que passa esquecido e despercebido pelos fariseus, mostrando a eles que o cumprimento ritual do sábado passa a

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Há semelhanças entre a Galiléia do tempo de Jesus e a comunidade onde estamos como igreja local?
2. Por que Jesus organizou um grupo de discípulos ao invés de trabalhar sozinho?
3. De que maneira, como comunidade de fé, podemos nos tornar resposta aos que sofrem?

ser algo secundário em função das necessidades do ser humano e da própria rejeição do Senhor do sábado. Jesus apresenta a imagem de Deus como sendo o Deus de misericórdia, que resgata todo o sacrifício humano, levando o homem a ver que as preocupações com as suas necessidades eram levadas em conta por Jesus. Ele, como filho de Deus e prestador de serviços às pessoas, não quer ver o ser humano apenas cumpridor de rituais com receio e preocupação de ser castigado e punido.

O vocábulo **reparação** é entendido por restauração, conserto, ou ato que pretende desagravar a Deus de ofensas cometidas pelo próprio agente ou por outrem; nos leva a considerar que quando uma situação de repressão emocional está ligada a sentimentos de culpa podemos nos conduzir à fonte de tendências de reparação. A necessidade de reparar uma situação, ou erro pode resultar num sentimento de que a própria pessoa o causou; produzindo muitas vezes mais culpa ainda. E somente o sentimento de amor predominando o de culpa pode aliviar a pessoa levando-a a se integrar e sintetizar, afastando assim a repressão.

A POSIÇÃO DIVINA

No contexto bíblico vemos que Deus revela seus desejos a nós num sentido de apresentarmo-nos a ele com "sacrifícios agradáveis", "de ações de graça" e "júbilo", "de louvor" e ele nos quer com o espírito dominado, extenuado, com o coração arrependido, e não como um sacrifício de sofrimento, impossível de ultrapassar, acusador de nossas transgressões cometidas. Ele nos entrega Jesus como sacrifício (Ef 5.2) e sacrifício pelos pecados (Hb 5.1), sendo Jesus o único sacrifício aceito (Hb 10.12).

O CARÁTER DIVINO

A profunda preocupação com o ser humano revela o caráter de Deus como um Deus que se mostra a nós como bom, compassivo, fiel, glorioso, grande, justo, longânimo, reto, santo, sábio, zeloso e misericordioso. Essa preocupação conosco mostra toda a sua compaixão, no sentido de colocar que nos ama independentemente da quantidade de nossas ofertas e sacrifícios, mas em função da qualidade desse sacrifício, a exemplo da viúva pobre em Mt 12.43. Ele quer que o ser humano ame a misericórdia e por isso estabelece a aliança com o seu povo, enviando a sua misericórdia. Jesus é a ligação divina para nos salvar (Jo 3.16), ele é a imagem de Deus (Cl 1.15), a sua própria representação.

A MISERICÓRDIA DE DEUS EM JESUS

Jesus afasta do ser humano a idéia do sacrifício ligado à morte, mas resgata o padrão de misericórdia divina na preocupação com a restauração do ser humano. Jesus é o mediador que foi enviado por Deus, veio em seu nome para pregar o arrependimento dos pecados, servir ao ser humano no sentido de dar luz aos cegos, liberdade aos presos, fazer coxos andarem, os mortos ressuscitarem, dar salvação, dar paz, vida, vida eterna, e com isso servir, levando ao ser humano uma proposta de integração na misericórdia de Deus, pois ele é o representante de Deus justo que tem uma justa e prazerosa misericórdia divina que nos preserva infinitamente e renovadamente.

AS MISERICÓRDIAS DIVINAS

Davi recorre às misericórdias de Deus, através dos Salmos 6 e 77; ele promove seu lamento, sua súplica, sua libertação e necessidade de consolo. Já nos Salmos 103 e 136, ele exalta e louva a Deus inclusive pela misericórdia divina.

A misericórdia de Deus é a prova de que o ser humano tem do amor leal, da firmeza do caráter divino e da fidelidade dele para com o seu povo; revelado através do exemplo deixado por Jesus.

CONCLUSÃO

Jesus, o modelo de misericórdia, dado por Deus a nós, estabeleceu todo o processo de sacrifício, punição, repressão emocional, resgatando o ser humano à imagem e semelhança de Deus, em um ser integrado com o serviço da causa divina, afastando assim um processo de ritual que só pode ser superado pelo ser humano através de ações de reparação. Quando ocorre a satisfação pessoal em amor, é esse amor que leva as pessoas ao reconhecimento de seu limitado potencial, que independe de deveres e obrigações cristãs, é oposto ao potencial de Deus, que tem as suas misericórdias renovadas a cada manhã.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Situações ligadas ao sacrifício, à morte, nos afastam das misericórdias de Deus?
2. Pode ocorrer a punição ao verdadeiro cristão?
3. Como podemos sentir o caráter de Deus na vida da Igreja?

Superando Preconceitos, Aceitando a Jesus



Mc 2.13-17

Segunda-feira
Lc 17.11-19

Terça-feira
Lc 19.1-10

Quarta-feira
Jo 9.1-12

Quinta-feira
At 15.1-11

Sexta-feira
Lc 8.43-48

Sábado
Jo 8.1-11

INTRODUÇÃO

Em sua visita ao reino ordinário do "cidadão comum", Jesus transmite o convite à experiência da cidadania do reino de Deus. O currículo dominical (de novo de Dominus) era a gramática da Palavra de Deus, a matemática da graça, a biologia da vida eterna, a química do sacramento, a história da salvação, a geografia do coração de Deus, a física da solidariedade e a educação física do perdão dos pecados. Para inscrever-se nesse curso era, e ainda é, preciso passar pelo vestibular do olhar de Jesus, ouvir a voz da chamada e levantar para responder: "presente!"

O CHAMADO COMEÇA COM UM OLHAR

O encontro com o Mestre é o encontro com o olhar de Jesus: "ao passar, viu Levi..." (verso 14). A consciência de que Deus nos olha em Cristo e atenta para a nossa situação, se importa conosco e não com um olhar recriminador, mas terno, carinhoso, de compaixão, de amor provoca uma reviravolta na vida da gente.

Levi, sentado na coletoria de impostos, desvia por um instante seus olhos das moedas para encontrar de uma vez por todas um tesouro de valor inestimável, no brilho não de rubis, diamantes ou brilhantes, mas do olhar amigo do Mestre e, agora, Senhor de uma nova coletoria não mais imposta, mas gratuita.

O olhar de Jesus, correspondido por Levi, mudou sua vida. Daqui para frente será conhecido como Mateus. Em lugar de contar dinheiro, contará boas-novas (a tradição atribui a ele a autoria do primeiro Evangelho). Trocou sua ambição pela Missão e as pequenas comissões pela Grande Comissão. De "lambe-botas" do império romano, passou a ser embaixador do Reino Divino. De coletor de impostos tornou-se testemunha a postos. De explorador sem escrúpulo passou a seguidor e discípulo.

A SEGUIR OUVI-SE UMA VOZ

Então Jesus "disse-lhe, segue-me". Tal verbo, além de significar "ir após", significa "ser discípulo". Implica em matricular-se na Escola do Senhor. **Ir aonde o Mestre está. Ser como o Mestre é. Fazer o que o Mestre faz.**

Ouvir a voz de Deus em Cristo Jesus é o maior privilégio que alguém pode ter. Não se compara a ouvir qualquer famoso tenor, ou magnífico soprano. Sua voz não é alta, nem forte, nem intimidadora.

É, antes, mansa, suave e passa como brisa. "Oxalá ouvísseis hoje a sua voz".

UMA RESPOSTA

Levi "se levantou e o seguiu". O olhar de Jesus e o convite de sua voz fizeram Levi levantar-se de seu limitado universo de coletor de impostos, e contemplar o amplo horizonte do reinado de Deus. Levantou-se. Porque Jesus levanta os abatidos. Reergue os oprimidos. Exalta os humilhados.

Levi era desprezado pelos seus patrícios. Era agredido, ofendido, insultado porque traía seus irmãos servindo aos romanos na exploração daqueles. Levi andava curvado, envergonhado. Não ousava levantar os olhos. Até que encontrou-se com Jesus. Levantou-se. Encarou o mundo de frente. Ergueu os olhos. Sentiu-se gente. Fez-se forte. Rompeu com o passado. Eis que tudo se fez novo... e andou em novidade de vida.

Mas, para onde ir? Por que caminhos Jesus levará Levi? Quando ouvimos preleções, sobre o desafio missionário, logo imaginamos que o "segue-me" aponta os distantes campos de além mar, na árida África, na mística Índia, na desumana China... Mas, que consequências traria o discipulado para Levi?

1. A comunhão

Pois, por mais estranho que pareça, Jesus convidou Levi para segui-lo rumo à própria casa dele. No verso 15 vamos encontrar Jesus sentado à mesa, na casa de Levi. A missão começa com uma volta para casa. Assim como o encontro com Jesus provoca um novo encontro com a gente mesmo, a missão implica numa volta para os nossos.

O sacramento da comunhão que alguns pensam ser algo extraordinário, é, na verdade, a união comum (comum união). Redescobrir o sagrado no cotidiano, além da igreja, nas casas, no mistério (sacramentum, em latim) da refeição à mesa. E a fraternidade dos pecadores.

Quem são os amigos de Jesus, nesse texto? São os amigos e amigas de Levi. Levi era pecador? Era, e também o eram seus amigos. No final do verso 15 vemos que estes pecadores e pecadoras também seguiram a Jesus. É o mesmo verbo "tornar-se discípulo" que Jesus empregou para chamar Levi. Todos se sentiram igualmente convidados. Em Adão, todos pecamos; em Cristo, todos somos salvos; em nós, cada um dos nossos amigos e amigas torna-se discípulo e discípula de Jesus.

Se Jesus me aceitou, todos seremos aceitos. As barreiras são quebradas, os preconceitos superados. **Os discriminados são descriminalizados** porque Jesus tomou sobre si as nossas dores todas e nos constitui um povo de "sacerdotes reais, nação santa povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de repartirmos a luz do olhar daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (cf. 1Pe 2.9).

2. A oposição

Mas nem tudo é festa. A história não acaba em "pizza". Começaram cedo as dificuldades na vida do discípulo Levi. Se este fosse melindroso, como muitos em nossas comunidades, é provável que o Evangelho de Mateus ainda estivesse esperando para ser escrito. **Não há discípulo sem perseguição. Não há testemunha sem acusação. Não há perdão sem condenação.**

No verso 16 entram em cena os escribas e os fariseus. Por se julgarem detentores do saber religioso, da pureza ritual e da justiça legal, se vêem no direito de cobrar explicações de quem não reza na cartilha oficial: "diziam... Que é isto? Ele come com os coletores de impostos e com os pecadores?"

Homens que haviam passado pela "educação formal" e aprenderam o be-a-bá na Torá demonstram que tal sistema ensinava bem mais que o Pentateuco, a Lei e os Profetas. Nas entrelinhas havia com a merenda, muito recheio de ingredientes tais como: o racismo, o legalismo, o fundamentalismo, e outros que podemos seguir acrescentando, tomando como referência à nossa própria experiência nos bancos escolares e eclesiais atuais.

Mas, não foi preciso que Levi os expulsasse. O próprio Jesus interfeiu: "Jesus, que os ouvira, disse-lhes..." (verso 17). A princípio pode parecer muito ter escribas e fariseus contra a gente, mas quando nos conta de que temos o Mestre, que é também o Senhor (Kiros), a nosso favor, tudo muda de figura. Levi não precisava se incomodar com os olhares críticos (olhar torto, atravessado) dos legalistas, porque tinha o olhar solidário de Jesus.

3. A salvação

"Ei-lo assentado em casa dele". Levi se levanta para seguir a Jesus. Jesus se senta para comer com Levi. Deus, em Cristo, exalta os humilhados e humilha-se a si mesmo, assumindo a forma de servo. Jesus vem (desce ao nível de pecador) para perdoar, para curar, para salvar: "Os são não precisam de médico... não vim chamar os justos, mas os pecadores" (verso 17). Precisam ser salvos os que se reconheceram perdidos. Precisam ser perdoados os que se sentem em dívida. Precisam ser amados os que se sentem desprezados. Precisam ser acolhidos os que estão marginalizados.

CONCLUSÃO

Todo aquele que tem a experiência do encontro com Jesus e lhe ouve o chamado, passa por uma mudança radical na sua condição de vida. Há uma ruptura com o passado, um nivelamento à estatura de Cristo, uma ascensão à dignidade e cidadania do reino de Deus, e uma redescoberta da presença do sagrado no cotidiano e do campo missionário que começa na própria casa.

Essa experiência não isenta ninguém de enfrentar dificuldades, oposição e, até, perseguições. **Assim foi desde o começo.** Muitos dos discípulos foram perseguidos e maltratados mas, mesmo em meio a prisões, professavam a sua fé: "se Deus é por nós, quem será contra nós?" E seguiam, estrada afora, cantando: "e nada nos perturbará, com Cristo por defesa".

O Ministério Sacrificial de Jesus

INTRODUÇÃO

Há uma pergunta que muitos fazem, por várias razões, movidos por vários motivos: O que tem de especial na vida de Jesus? Certamente o ponto principal de sua vida não são os milagres, manifestações de poder, sinais maravilhosos; na verdade o que mais nos chama a atenção é a sua paixão, seu sofrimento, este é o centro do Novo Testamento. Este sofrimento não é apenas mais um relato de grandes quantidades de pessoas sacrificadas, mas uma história de sofrimento resultante de uma grande paixão.

SOFRIMENTO, FRUTO DO AMOR

No sofrimento de Cristo, vemos alguém levando o amor até as últimas consequências. Jesus não apontou para uma vida sem dores, nem numa existência que projetasse sentido apenas para além da morte. Sua paixão e seu sofrimento se focalizavam em fazer a vontade de Deus e viver em plenitude antes da morte. Na verdade, à medida que Jesus caminha manifestando a vida, e vida em abundância, se aproxima do caminho da cruz, do sofrimento, da morte. Em Jesus, a vida se faz presente onde os doentes são curados, os leprosos purificados e aceitos, os pecadores perdoados, os oprimidos são libertados de todas as cadeias. Em Jesus há plenitude de vida mesmo com tantas ameaças de morte.



Jo 16.25-33

Segunda-feira
Is 53.1-12

Terça-feira
Mt 2.17 a 3.5

Quarta-feira
Mc 8.34 a 9.1

Quinta-feira
Lc 9.23-27

Sexta-feira
Jo 12.20-28

Sábado
Jo 17.1-26

10

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Em qué a nossa escola dominical (domingueira) difere da Escola Dominical (do Senhor)?
2. Por que Jesus chamou pecadores para segui-lo? Por que Jesus me chamou? Qual minha missão?
Quem são os escribas e fariseus de nosso tempo? Que dificuldades enfrentamos hoje no seguimento a Jesus?

No texto bíblico fundamental, observamos que Jesus procura preparar seus discípulos para que compreendam os acontecimentos que em breve sucederiam revelando o paradoxo de sua existência: a fé em Deus seria despertada em razão da morte do seu filho unigênito, enviado por amor, assim como os discípulos o seriam, enviados e perseguidos; as aflições que marcavam a vida do Filho de Deus, marcariam também a dos seus seguidores, mas disse o próprio Senhor Jesus: "tende bom ânimo, eu venci o mundo.", esta vitória acompanharia a vida dos discípulos.

A VIDA E TESTEMUNHO DA IGREJA

Os seguidores de Jesus são desafiados a levar este Cristo a todos para que alcancem a vida. Não somos chamados e enviados apenas para testemunhar sobre uma vida além. Antes, somos chamados a testemunhar um Cristo Vivo e que nele há vida abundante. No seu ministério terreno, Jesus sempre se encontrava entre os doentes, os pobres, os oprimidos, os pecadores. Ele não veio para os santos, estes não precisam de médicos, o Senhor se envolve onde não há plenitude de vida, onde há sinais de dor, tristeza, de morte, para reverter toda e qualquer situação em vida como testemunho do amor e poder do Pai revelado em seu Filho. Não havia espaço para a tristeza na presença de Jesus. Sua paixão pela vida e seu grande amor por ela e pelas pessoas que dela tinham carência, despertava controvérsias entre os doutores da lei, mestres religiosos e autoridades políticas. A vida diferente de Jesus fazia diferença. Este é o testemunho que o Senhor Nosso Deus espera que esteja sendo vivenciado pela Igreja: da paixão pela vida e ódio do pecado, o qual produz tanta dor, separação e tristeza. Isto tem relação com entrega, despojamento, submissão, oferta de si mesmo, doação da vida, dimensões que precisam ser resgata-das e cultivadas em nosso meio, no meio do povo cristão que, assumindo o compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo, tem na cruz e sofrimento de Jesus, o lugar de chegada e partida para uma expressão viva e restauradora do plano de Deus: a redenção da humanidade.

NÓS E O SOFRIMENTO DE CRISTO

Como pode o sofrimento de Cristo falar a nós hoje? O fato de Jesus ter morrido crucificado como um criminoso comum significa que ele fracassou? Nada disso! Jesus foi conscientemente para Jerusalém. Enfrentou todos os sinais da morte para lá proclamar a vida. É impressionante a maneira como Jesus demonstrou seu amor por nós, morrendo por amor, levou até as últimas consequências o seu amor. Neste ato Jesus cria a vida, não pelo poder mas pelo amor. Só uma grande paixão, um grande amor pode criar vida e isto somente quando disposto a sofrer o necessário.

Os ferimentos da humanidade só são curados com outros sofrimentos. Somente um Deus disposto a sofrer pode nos ajudar. E foi isto que aconteceu, como profetizado: "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido" (Is 53.4), descrevendo perfeitamente o quanto Deus nos ama. O Novo Testamento relata o perfeito exemplo de amor em ação que vai até as últimas consequências: Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

O Senhor Jesus Cristo tinha tanto amor que morreu por todos nós. Sua paixão demonstra o quanto Deus nos amou. Também mostra-nos quanto temos que amar. A espiritualidade de Jesus não permitiu que ele focalizasse sua vida em contemplação, em busca de prestígio, usufruindo de seu poder, conquistando fama e fortuna; não fez com que ele fugisse dos sofrimentos e das dores deste mundo tão atingido pelas forças do pecado e da morte. Pelo contrário, sua espiritualidade era o oposto à indiferença. Era uma paixão pela vida que o levou à cruz. E como a semente morre para produzir frutos, Cristo morreu para trazer vida e vida abundante a todos nós.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Como sua igreja tem demonstrado sua paixão pela vida? Como o poderia fazer?
2. Em que sentido a morte de Jesus Cristo os toca em relação à missão da igreja hoje?
3. Diante das mensagens de prosperidade que temos ouvido em nossos dias, como entender uma vida próspera (abundante) a partir do exemplo de Jesus, seu sofrimento e morte?

A Experiência do Perdão



Mc 2.1-12

Segunda-feira
Gn 50.15-21

Terça-feira
Êx 34.1-9

Quarta-feira
1Rs 8.30-40

Quinta-feira
Is 6.1-8

Sexta-feira
Mt 6.9-15

Sábado
Ef 4.25-32

11

INTRODUÇÃO

O Ministério de Jesus pode ser compreendido, entre outros pontos, como uma missão de perdão. Ele mesmo perdoava os pecados, o que causava grande mal-estar e despertava a ira dos Sacerdotes, Escribas e demais autoridades religiosas da época (como se fossem os pastores e os bispos de hoje). Jesus, com isso, questionava a autoridade deles, especialmente porque eles baseavam-se quase que somente em regrinhas como "não pode isso", "não pode aquilo" - muito parecido com os dias de hoje.

A DINÂMICA DO PERDÃO

Perdoar é algo muito difícil de ser realizado. Talvez seja uma das atitudes humanas que as pessoas mais relutam em fazer. Muitas vezes temos facilidades em desenvolver grandes coisas, tanto em nossa vida pessoal como na vida da comunidade de fé - igreja, mas quando chega a hora de perdoar... os corações ficam endurecidos.

Você já teve, no decorrer de sua vida, dificuldades de em perdoar alguém?

Que tal compartilharmos nossas experiências de perdoar e de ser perdoado?

Não perdoar entristece a própria pessoa que não conseguiu superar esta barreira. É um fechamento, uma prisão. Por outro lado, quando se perdoa alguém, o sentimento é de libertação, alegria, paz

e prazer. Perdoar e sentir-se perdoado é uma bênção de Deus.

JESUS E A DINÂMICA DO PERDÃO

Jesus entra em constante confronto com as autoridades religiosas da sua época por manifestar o amor de Deus de uma maneira que as autoridades não conheciam. Ao invés de ser rígido, expressar amor. Isto é muito difícil especialmente para as pessoas que possuem algum tipo de poder. É melhor a lei, pois com ela pode se controlar as pessoas. O amor e o perdão são, acima de tudo, liberdade, respeito, compreensão.

Observamos que para Jesus não há limites. Ele não se prende ao Templo (que significa obediência às regras fechadas da igreja ou religião). No texto de Mc 2.1-12, Jesus está "em casa" (lugar de comunhão, partilha e intimidade), ali Jesus ensina, perdoa e cura. Em casa somos nós mesmos, sem fingimento, sem aparências, não é isso mesmo? O parafuso desta história assumiu seus limites e dificuldades, foi carregado, não teve vergonha de seus defeitos, suas limitações, aceitou ajuda, abriu-se para o novo, para Jesus, para a felicidade, para a vida.

CONCLUSÃO

No texto lido observamos que Jesus foi solidário com aquele homem, dedicou-lhe atenção, o amou. Não pediu nada em troca. O perdão dos pecados foi a primeira atitude de Jesus para sinalizar o amor de Deus à vida humana, independentemente da maneira como os defensores da lei e religiosos entendiam e ensinavam sobre este amor. Em consequência disto, aquele homem experimentou a restauração da vida de modo integral. Confiante na palavra do Senhor, obedeceu a ordem e levantou-se, voltou a viver, alcançou uma bênção que mudaria toda a sua forma de ser e viver. Não é difícil de imaginar a alegria daquele homem e da repercussão que tal experiência provocou naquela cidade e região. O encontro com Jesus produz perdão, libertação e vida!

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Você tem liberdade para falar de seus defeitos e faltas? Como é isso em sua igreja? Em sua família?
2. Como encaramos as normas e princípios estabelecidos pela igreja?
3. Como a igreja tem trabalhado para que pessoas tenham acesso a uma vida plena e restaurada pelo perdão e graça divinas?

O Ministério da Reconciliação de Jesus Cristo



Mt 5.21-26

Segunda-feira
Rm 5.6-11

Terça-feira
2Co 5.18-20

Quarta-feira
Ef 2.11-22

Quinta-feira
Cl 1.13-23

Sexta-feira
Mc 10.2-12

Sábado
Sl 133

12

INTRODUÇÃO

Reconciliar quer dizer entrar em acordo de novo. Isto significa que, em algum momento, um pacto foi feito, uma aliança foi estabelecida, chegou-se a um acordo. Deus fez assim desde o início do mundo. Com Abraão estabeleceu um pacto, depois com Moisés e o povo no deserto, Josué em Canaã etc. Mas, sempre houve uma quebra, um rompimento. Não da parte de Deus que sempre cumpriu fielmente sua parte na aliança. A quebra vem sempre do ser humano. Esta é uma situação que vivemos cotidianamente: laços, compromissos, alianças vêm se rompendo a todo instante. Entre nós pode haver alguém que já rompeu sua palavra ou a amizade com alguém. Como foi sua experiência com a ruptura de algum acordo? Como reagiu?

JESUS E O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO

No tempo de Jesus havia muitos religiosos, mesmo em Israel, que queriam se divinizar, com orações, ofertas, jejuns e louvores. O ato da encarnação de Deus, o Verbo feito carne, se deu num contexto de reconciliação: Deus (que é divino) com o ser (que é humano). Jesus, Deus filho, é o Novo Ser Humano, realizando em plenitude o plano do Pai para a vida de toda a humanidade. Com esta ação reconciliadora, Deus pôe fim à desordem que prejudicou toda a vida humana e a criação.

Jesus não só pregou sobre a reconciliação, que

segundo ele está acima das práticas exteriores pregadas em sua época, como a oferta. Ele praticou, com sua vida, este Ministério. Quando podemos vivenciar a reconciliação que Deus faz com a nossa vida, e a que nós fazemos com as demais pessoas que nos cercam estamos reconhecendo, acima de tudo, uma qualidade de vida. É bom, e agradável, é libertador, traz felicidade, bem-estar e comunhão a experiência da reconciliação.

APRENDENDO COM A VIDA E OBRA DE JESUS CRISTO

Observamos que para Jesus não há limites. Ele, que era Deus e ser humano ao mesmo tempo, valorizou a prática da reconciliação antes de tudo. Antes mesmo da oferta: "Se, pois, ao trazes ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando faz a tua oferta." (Mt 5.23-24). Dentro da nomenclatura do "Eu porém vos digo", Jesus vai restaurando valores que revelam a presença e graça de Deus na vida do ser humano enquanto pessoa e em suas relações humanas e sociais. Em tempos de tanta desarmonia, tanto na sociedade, como na própria igreja, entendemos ser urgente a busca deste Ministério por parte de todos os membros do Corpo de Cristo - Igreja. A presença da igreja ou daqueles que a compõem nas varas da justiça humana em virtude de contendas e demandas revela o grau de distanciamento que nos encontramos para com nosso Deus.

CONCLUSÃO

A reconciliação evidencia uma nova maneira de pensar e de agir, não baseada em nós mesmos e somente em nossas idéias e pensamentos, mas na comunhão, em minha relação com o outro, na experiência de caminharmos juntos, procurando alcançar o mesmo objetivo: O Reino de Deus. Entre tantos textos e passagens bíblicas que poderíamos trazer à lembrança, cito o Salmo 133, quando Davi (a quem é atribuída sua autoria), em poucas palavras, revela o alto grau de satisfação que a experiência da comunhão, onde a reconciliação ocupa um espaço estratégico para sua realização, é traduzida em dimensão "agradável", "boa", "suave", "amável" etc., a experiência de vida em união dos irmãos e irmãs, é como óleo, com seu poder medicinal, o qual toma conta da totalidade do ser, desde os nossos antepassados, é como o orvalho, a neve derretida do Hermom, o qual desce e produz grandes transformações em nosso interior, traduzidas em bênçãos, em eternidade, em harmonia.

Vitória na Cruz

INTRODUÇÃO

Observamos em nossos dias o surgimento de grupos religiosos, que se autodenominam evangélicos, que aboliram a cruz, ou seja, toda a mensagem, significado e valor deste marco na vida de Jesus e da Igreja Primitiva como sinal do sacrifício, da disposição de assumir uma posição de submissão, mesmo que exija sacrifício, auto-anulação, morte, tudo isso ficou, propositalmente, em sentido do secundário. Para estes grupos a ênfase está na glória, na ressurreição, na vitória, esquecendo-se que para alcançar todas estas realidades é preciso passar pelo caminho da cruz, da entrega, do sacrifício. Um cristianismo sem cruz é a mesma coisa que uma fé sem Deus. A mensagem do ganhar, do sucesso, da prosperidade tomou o lugar da mensagem maior deixada por Jesus Cristo: a disposição em perder para, realmente, ganhar. Na lição de hoje poderemos aprofundar esta análise a partir do ensinamento registrado nos Evangelhos, contextualizando-o de maneira a resgatarmos e proclamarmos o cristianismo em sua essência em relação aos valores do reino de Deus que devem estar acima dos que vivenciamos no reino dos homens.

A MORTE EXPIATÓRIA

A primeira parte do relato apresenta o tema da morte e sofrimento do Messias como expiatório, por isso a expressão: "é necessário que o Filho do Ho-



Mc 8.31 a 9.1

Segunda-feira
Mc 9.30-32

Terça-feira
Mc 9.33-37

Quarta-feira
Mc 9.42-48

Quinta-feira
Mc 10.17-22

Sexta-feira
Mc 10.32-34

Sábado
Lc 24.20-26

13

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Como sua igreja tem enfrentado os momentos que produzem, potencialmente, controvérsia e divergência?
2. Existe em sua comunidade alguma prática pré-estabelecida para que o Ministério da reconciliação possa acontecer, especialmente nos dias de Santa Ceia?
3. Compartilhe com o grupo experiência de reconciliação vividas por você ou alguém conhecido. Reflitam sobre sua importância e resultados.

mem sofra muitas coisas..." (Mc 8.31). Tal idéia está presente na figura do servo sofredor de Isaías 53, e que foi vista pela Igreja Primitiva como anúncio do sofrimento que Jesus, como Messias, veio a sofrer.

A reação de Pedro, de preservar seu Mestre da morte, mostra a rejeição judaica à morte de cruz, mas também o tipo de esperança messiânica existente em Israel neste tempo, ou seja que o Messias haveria de ser rei como Davi e restabeleceria o domínio de Israel sobre as nações vizinhas, e a libertação do jugo do opressor estrangeiro. Isto prova que a mensagem de Isaías, do servo sofredor, ou de um Messias crucificado, era para o judaísmo, inaceitável.

A MENSAGEM DA CRUZ

A cruz é sem dúvida um elemento de perplexidade, de escândalo. Ela assume o centro da proclamação e a cela é uma forma de explicar o mistério da cruz. A mensagem da cruz assume um lugar de sentido vital para a Cristologia da Igreja Primitiva, e porque não dizer contemporânea. Segundo os Evangelhos, não há Jesus sem cruz, não há Igreja sem cruz. Consiste um sério equívoco quando nossa pregação enuncia apenas a ressurreição, pois não há ressurreição sem morte, e a morte de Jesus, como deixaram bem claro os Sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), foi a mais rejeitada e sofrida. A cruz é uma forma de denúncia diante de um estado imperialista como o Romano, diante de uma religião acomodada e opressora como o farisaísmo e o templo de Jerusalém, diante de todo e qualquer pecado. A cruz de Cristo, ademais de sentido expiatório, foi profética: todos os cristãos têm uma cruz a enfrentar e tomar. Não mais expiação, mas profética e ministerial (Mc 8.34-38).

A MORTE DE JESUS NA CRUZ

Desde a antigüidade cristã, era preciso anunciar e explicar o fato da morte de Jesus numa cruz. O que representava um grande escândalo para os judeus visto que a cruz era o sinal da dominação romana (Lc 24.20-26). Como um condenado à morte de cruz poderia ser o Messias? Não seria um sinal de insubmissão ao imperialismo romano? Não seria um "maldito" segundo os critérios da Lei Mosaica? (Gl 3.12-13). Portanto, como ser seguidor de um crucificado neste mundo dominado pelo poder imperial romano e pela Lei Mosaica? Assim, o anúncio da morte na cruz é a célula germinal de toda a narrativa evangélica, e o ponto de partida para a compreensão mais profunda do sentido da missão redentora e libertadora de Jesus (Mc 10.45). O anúncio da morte de Jesus na cruz é o princípio da compreensão do ministério cristológico (Fp 2.6-11).

CONCLUSÃO

O texto ao apontar a tomada da cruz como elemento fundamental da Cristologia Cristã desde a Igreja Primitiva, mostra também uma inversão da lógica humana e, principalmente, de nosso mundo materialista. Ou seja, quem no reino de Deus dá sua vida de fato está ganhando-a, e quem retém de fato está perdendo-a. Pois este foi o ensino de Jesus: "Quem quiser, pois, salvar a sua vida por causa de mim e do evangelho, salvá-la-á. Que aproveita ao homem, ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mc 8.35-36). Hoje as pessoas também estão querendo ganhar o mundo todo, mas estão perdendo sua alma, e com ela os valores morais e éticos, para possuir muitos bens neste mundo perde-se a paz, a alegria, o sono, a vida.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Ao lermos Isaías 53, qual o perfil de Jesus que encontramos no texto?
2. Qual a principal mensagem da cruz que devemos buscar e anunciar?
3. Como entendermos a mensagem da cruz, da entrega, da doação num mundo marcado pelo ganho, lucro e poder?

O Sermão Profético de Jesus e a Escatologia



Mt 24.3-31

Segunda-feira
Mt 24.1-14

Terça-feira
Jr 26.1-8

Quarta-feira
At 7.1-60

Quinta-feira
Mt 23.1-12

Sexta-feira
Mt 25.1-46

Sábado
Lc 18.1-8

14

INTRODUÇÃO

O templo de Jerusalém era símbolo de toda herança econômica, política, social, ideológica e religiosa do povo judeu. Era majestoso. Deus morava ali. O ofertório das pessoas era abundante. Era o espaço sagrado por excelência e sustentava o sistema vigente. O movimento de Jesus viu, como principal obstáculo à realização do reino de Deus na Palestina, o templo e a estrutura restrita que ele apoiava. Numa conversa com os discípulos sobre o templo, Jesus anuncia seu fim: "... Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada" (24.2b). Os ensinamentos de Jesus incomodavam seus contemporâneos. Seu modo de falar e o conteúdo de suas palavras não se enquadravam nos esquemas teológicos tradicionais de Jerusalém.

A perspectiva do fim e sua incerteza preocupavam os discípulos e todo o povo judeu. O **quando** e o **como** do final dos tempos são perguntas latentes em seus corações. A ênfase dos religiosos tradicionais da época de Jesus se baseavam em visões sobre o fim em descrições aterradoras, gerando medo e insegurança. Porém, o movimento cristão que florescia, não podia se construir em rejeição do medo. Era necessário pensar de modo positivo e construtivo a Escatologia Cristã.

OS FATOS RELACIONADOS COM O TEXTO

Mateus 23 é bastante severo sobre as lideranças judaicas. As leis são estéreis. As lideranças são, várias vezes, chamadas de hipócritas pelo Mestre. A crítica posterior aos líderes recai sobre Jerusalém, que mata os profetas (23.27). E aí vem o "Discurso Escatológico" onde Mateus apresenta os temas teológicos que serão desenvolvidos no conjunto do capítulo 24.3-31, apontando que este fato exige discernimento entre os verdadeiros e os falsos profetas, entre o templo e os ensinamentos do Mestre. Tais contradições trarão o ódio, o esfriamento do amor e a mentira dos falsos profetas. Neste contexto, a comunidade irá encontrar a verdadeira fidelidade do Messias (versos 9-12). O crivo para o discernimento advém da prática de Jesus.

Em Mt 24.1-31 nos versos 1 e 2 - Jesus fala sobre a destruição do templo; no verso 3 - Os discípulos fazem três perguntas: Quando o templo será destruído? Qual o sinal da vinda do Filho do Homem? Quando será o fim do mundo?; nos versos 4-31 Jesus responde às questões anteriores. Encontramos nessa estruturação de Mateus, Jesus orientando seus discípulos a não terem medo, pois, apesar disso, o fim ainda não havia chegado.

Jesus alerta a comunidade cristã a não se deixar ludibriar por indivíduos inescrupulosos. Muitos, aproveitando-se da febre messiânica do povo, nomeavam-se Messias. Jesus é claro neste assunto: "... Eu sou o Cristo. Não acrediteis, porque surgirão falsos profetas operando grandes prodígios e sinais para enganar, se possível, os próprios eleitos." (verso 4). Ele fala da Escatologia usando uma linguagem conhecida dos discípulos e correspondente à teologia em voga. "Haverá guerras, rumores de guerra, fomes, terremotos, dores, ódios, tribulações, mortes em todos os lugares". De fato, ensinou que a história humana caminha para um fim, para isso, serviu-se da linguagem apocalíptica da época.

OS FATOS RELACIONADOS COM A IGREJA E O MUNDO

Em Mt 24.12, Jesus afirma que: "Por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos". A igreja em que o amor se esfria deixa de ser igreja. Pode continuar sendo uma forte organização sócio-religiosa, eclesialística mas, igreja mesmo, não.

A expressão "quase todos" é muito abrangente. Nos últimos tempos, a apostasia será enorme, poucos escaparão. Coroando o trágico e sombrio relato que vemos

em Mt 24.4-12, vem em seguida uma palavra de admoestação e de consolo: "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo." (verso 13).

O texto de Mateus registra algo verdadeiramente espantoso! A evangelização mundial, que antecederá de perto o "fim", acontecerá juntamente com o aumento da iniquidade e da apostasia. Coincidirá com a extraordinária diminuição do número dos cristãos verdadeiros (verso 12). As consequências que decorrem do que está sendo apontado são: - As evangelizações mundiais no fim dos tempos não produzirão muitas conversões reais; - Como a apostasia será de "quase todos", nem todos os que se lançarem à evangelização serão crentes verdadeiros. Mt 24.15-29 aponta os grandes fatos escatológicos relacionados com a Igreja e o Mundo e que todos (fiéis e infiéis) estarão sujeitos à grande tribulação.

FATOS RELACIONADOS À CONSUMAÇÃO DOS SÉCULOS

O sermão profético de Jesus, registrado em Mt 24.29-31, revela: - Calamidades astronômicas e meteorológicas (verso 29); - O sinal do Filho do Homem (verso 30) - A vinda de Cristo (verso 30); A reunião dos escolhidos (verso 31). Observarmos em nosso texto bíblico básico, que Jesus faz uma leitura positiva desta situação. Ela será ocasião para os cristãos darem testemunho público de sua fé. Além disso, prometeu sempre estar junto aos seus, inspirando-lhes para não lhes suceder nada fora da vontade de Deus. O fundamental era perseverarem até o fim, fiéis ao projeto de Deus, de modo a serem salvos. Tudo o mais é preocupação inútil. Os questionamentos a respeito do quando ou do como perdem a sua razão de ser para o cristão perseverante. Esse deve ser vigilante, fiel, crítico para discernir frente aos líderes, ter cuidado com as aparências religiosas.

Nos dias da igreja apostólica, havia pessoas que causaram não pouca confusão sobre escatologia, o que levou Paulo a repreendê-las, bem como a advertir os cristãos para que não se deixassem confundir (leia Ts 2.1-2). Na verdade, a Igreja Cristã viveu sempre na expectativa da volta do Senhor, o tempo do fim.

Em épocas recentes, após a explosão da religiosidade, tanto de movimentos de despertamento e renovação dentro das igrejas cristãs, quanto através de um interesse crescente do misticismo oriental muitos se sentiram atraídos, em sua curiosidade pelo assunto de nossa lição. No Brasil esta expectativa se acentuou mais nos anos 70 e se expressou entre os evangélicos, pelo aparecimento de novos grupos pentecostais e pela crise de identidade dos já estabelecidos. Portanto, nesta virada de século e milênio há muitas promessas ilusórias, devido a uma verdadeira inva-

são de ideologias sectárias por todo o mundo, especialmente na América Latina.

CONCLUSÃO

O Sermão Profético de Jesus, ou o seu "Discurso Escatológico", não tem por objetivo assustar, provocar pânico, exercer pressão conversionista sobre vidas ternas. As palavras de Jesus têm um claro não a sinais inequívocos e cronometrados do fim. O texto aponta um não a especulações sobre a história e seu final. Um não ao sectarismo. Apesar da descrição destes terríveis sinais (Mt 24.31), o cristão deve olhar para Cristo, ao invés de olhar para as "ondas e o vento destes tempos turbulentos".

Mais do que nunca a mensagem Escatológica deve empenhar os cristãos no compromisso com Jesus e seu reino, construindo, assim, seu projeto de amor e justiça nesta terra, neste final de milênio. A mensagem Escatológica não gera conformismo diante da situação de injustiça e, sim, espírito de luta para que o projeto dos malvados, dos aproveitadores e oportunistas seja destruído. Afinal, o grande desejo de Deus é que todos desfrutem do seu Projeto de Vida. Para Jesus a prática do amor faz acontecer a luta pela vida, na adoração, perseverança e vigilância constante.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Neste final de milênio, por que há tanta ênfase na Escatologia cristã?
2. A esperança da volta de Cristo traz consolo para sua vida?
3. Temos nós espiritualizado as coisas para fugir dos conflitos? A nossa prática comunitária questiona o mundo atual ou o legítima?

Isto é o Meu Corpo



Mc 14.22-26

Segunda-feira
Ex 12.3-5

Terça-feira
Ex 12.24-28

Quarta-feira
Lc 22.7-13

Quinta-feira
Lc 22.14-21

Sexta-feira
1Co 11.17-25

Sábado
At 2.42-47

15

INTRODUÇÃO

A ceia do Senhor é uma celebração litúrgica instituída por Jesus Cristo, nos momentos finais de seu ministério terreno. A aproximação da festa da Páscoa renovava na memória dos discípulos a grande libertação ocorrida por ocasião da saída do povo de Deus da escravidão egípcia. Um evento como esse, tinha que ser celebrado com todas as forças. O memorial pascal renovava a fé e a esperança do povo e o fortalecia para enfrentar novos obstáculos, que porventura viessem a surgir. Soma-se a isso a necessidade de transmitir às novas gerações o memorial libertador.

EM MEMÓRIA DE MIM

Jesus sabia que os seus discípulos precisavam de novos elementos cúlticos que servissem de memorial da vitória de Deus sobre a força da morte, através da crucificação e ressurreição. Os discípulos ainda não tinham consciência de que os três dias entre a morte e a ressurreição de Cristo seriam, teologicamente, mais longos do que os quarenta anos que separaram o Egito da Terra Prometida.

O momento era propício, pois Jesus e os discípulos acabavam de participar de uma mesa, onde os elementos tinham o objetivo de reviver a saída do Egito: a carne assada, lembrando o cordeiro imolado, cujo o sangue fora derramado nas portas

das casas; as verduras amargas que lembravam a vida dura da escravidão; as taças de vinho para o pronunciamento das bênçãos; as frutas doces lembrando a intervenção de Deus a favor do povo; os pães ázimos que lembravam o pão da pressa, o pão sem fermento.

As crianças eram estimuladas a formular perguntas sobre o significado de cada elemento que compunha a mesa pascal. Assim participavam da ceia e aprendiam a história da libertação do seu povo.

Jesus sabia que os seus discípulos tinham questões internas sérias, que ainda não tinham sido respondidas. Entre elas estava a tentativa de compreender o sentido da caminhada para Jerusalém naquela Páscoa. Com a instituição da Ceia do Senhor, Jesus apresenta os elementos referenciais que terão seus sentidos ampliados após o seu sofrimento e a vitória sobre a morte. "E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente depois de ceiar, tomou o cálice, dizendo: este é o cálice da nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vós". (Lc 22.19-20).

Nunca, até aquele momento, alguém tinha usado expressão semelhante. Como entender a expressão "em memória de mim"? São questões que dão sentido à caminhada para Jerusalém e ao prosseguimento ministerial dos discípulos após a morte, ressurreição e ascensão de Cristo.

Em obediência à recomendação de Jesus "fazei isto em memória de mim", os primeiros cristãos passaram a ter dominicalmente em seus cultos, a mesa da Ceia, com pão e vinho. Assim, semanalmente, no domingo, dia da ressurreição, o memorial da Ceia do Senhor era celebrado com júbilo e ação de graças. Com o passar do tempo, devido ao ministério itinerante e ao pequeno número de clérigos, a Igreja passou a celebrar mensalmente a Ceia do Senhor. Por questões culturais, ela perdeu muito da alegria e a espontaneidade dos primeiros tempos. Passou a ser excludente com relação aos seus participantes. Deixou de fora as crianças, que eram pessoas centrais tanto na páscoa judaica, como no ministério de Jesus, assumindo características privativas.

O METODISMO E A CEIA DO SENHOR

Os documentos metodistas recuperam algumas características da Ceia do Senhor, que vinham sendo esquecidas no transcorrer da História. O artigo 11 dos

Cânones afirma que "a ceia do Senhor é sinal da nossa redenção em Cristo e o memorial perpétuo de sua paixão e morte. Nos elementos da ceia, Cristo se dá aos que são seus, renovando a comunhão de amor da nova aliança". Parágrafo único: "A ceia ministrada, a juízo do pastor e do Concílio local, com a frequência que, em conjunto, determinarem, visando sempre a edificação espiritual da Igreja.

Ora, se a Ceia é do Senhor, ela não é propriedade de nenhum grupo religioso. Se nela "Cristo se dá aos que são seus", como deixar as crianças de fora, se elas ocupam o primeiro lugar no Reino? Como estabelecer critérios excludentes sobre os que são ou não são de Cristo? Se a Ceia "é ministrada com frequência determinada pelo pastor e Concílio local", o que impede a sua celebração dominical?

Na carta pastoral do Colégio dos Bispos temos as seguintes recomendações: "Nós, os bispos das Igrejas Metodista, recomendamos os seguintes procedimentos pastorais de orientação ao povo de Deus:

- A ceia do Senhor será celebrada pelo menos (grifo nosso) uma vez por mês. Em nenhuma hipótese a comunidade abandonará a experiência profunda da participação da mesa do Senhor;

- A criança como herdeira do Reino de Deus (grifo nosso), deve participar da Ceia do Senhor, preferencialmente, junto com seus pais, outros familiares, membros da Igreja ou acompanhadas pelas pessoas responsáveis por sua formação cristã, depois de terem sido orientadas pelos mesmos sobre a relevância da celebração e o seu significado;

- Os pastores e pastoras metodistas orientarão aos pais e demais membros da comunidade local para instruírem seus filhos e filhas acerca do significado e natureza da Ceia do Senhor;

- A celebração da Ceia do Senhor será sempre antecipada de anúncios prévios, nos quais o povo de Deus será advertido do significado do ato, assim como estimulado ao jejum e oração nesse dia". (pág. 23-24, Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Ceia do Senhor).

CONCLUSÃO

Qual o significado da Ceia do Senhor para a nossa comunidade, hoje?

No contexto da celebração pascal, a ceia noturna, com trajes de viagem (Êx 12.1ss) representava o rompimento radical com as estruturas escravizadoras egípcias. A segurança das "panelas de carnes" é substituída pela incerteza do deserto, com a presença do Deus peregrino. Nessa situação, a sobra, o armazenamento não tem o menor sentido. O mais importante é partilhar os alimentos, que simbolizam fé e esperança. No ajuntamento das diversas famílias, uma única família de caminhantes.

Para os discípulos o pão e o vinho passam a ser memoriais de um culto novo, onde o passado e o futuro passam a dar vida ao presente. É uma nova família que começa a acontecer. Os limites judaicos são superados, judeus e gentios formam uma única família, a família dos seguidores e seguidoras de Jesus. Por essa razão não dá para celebrar a Ceia do Senhor nos moldes egoístas humanos, onde um grupo esbanja e outro fica sem nada. (1Co 11.17ss). Na nova família cristã, a partilha é o grande imperativo (At 2.42-47).

Diante de toda essa herança histórica, bíblica e teológica não podemos fazer da celebração da Ceia, um simples ritual periódico. Precisamos pensar que tipo de compromisso ela nos leva a renovar conosco mesmo, com Deus e com a humanidade.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Qual a importância da celebração pascal para os judeus?
2. Quais as principais semelhanças e diferenças entre a Ceia pascal e a Ceia do Senhor?
3. Que mudanças você proporia para a celebração da Ceia em sua comunidade?

A Vitória Sobre a Morte



Mt 28.1-10

Segunda-feira
Gn 1.1 a 2.3

Terça-feira
Gn 3.1-24

Quarta-feira
Is 42.1-9

Quinta-feira
Jo 20.1-8

Sexta-feira
Mc 16.1-10

Sábado
Lc 24.1-11

16

INTRODUÇÃO

Seria muito bom, para entendermos a ressurreição, relembrarmos todos os textos que nos falam deste episódio e compará-los um a um. Para isto, o melhor é ter quatro Bíblias, cada uma aberta em um deles e ir verificando os acontecimentos. Seguindo a ordem dos evangelhos conforme encontramos em nossas Bíblias. O primeiro texto será o de Mt 28. 1-10, depois Mc 16.1-10, Lc 24. 1-11 e finalmente Jo 20.1-18. A intenção é verificarmos que, mesmo havendo alterações na ordem dos acontecimentos, acrescimo ou falta de alguns episódios, pois cada evangelista conta o fato a seu modo, há apenas uma mensagem central, Jesus não permaneceu entre os mortos mas ressuscitou. Veja a seguir um pequeno esquema para ajudar. Você poderá conferir os dados e observar outros. Experimente fazer este exercício e veja o quanto se pode aprender simplesmente lendo a Bíblia e comparando seus textos.

O QUE DIZEM OS EVANGELHOS

a) Evangelho de Marcos:

Marcos, o menor dos evangelhos nos conta no capítulo 16.1-8 que as mulheres, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e Salomé compraram perfumes e foram até o túmulo para ungirem o corpo de Jesus. Ali encontraram alguém que lhes deu a mensagem magnífica, Jesus não estava mais entre os

mortos! Segundo este evangelista, as mulheres não contaram nada a ninguém (16.8). Maria Madalena, a quem Jesus apareceu em primeiro lugar foi quem anunciou a boa nova aos discípulos que ainda estavam aflitos e chorando (16.10).

b) Evangelho de Lucas:

Lucas narra em seu evangelho o mesmo fato. Altera alguns episódios mas traz a mesma mensagem às mulheres, Jesus não está mais entre os mortos! Ele nomeia as mulheres que foram procurar Jesus, para ungi-lo com perfumes que elas mesmas haviam preparado no dia da sua morte, como sendo Maria Madalena, Joana, e Maria, mãe de Tiago (24.10).

Diferentemente, Marcos (16.1) cita apenas estes dois nomes e diz que elas haviam comprado os aromas. Lucas menciona ainda que dois homens (24.4) se apresentaram às mulheres, ao contrário de um em Mc (16.5). Aqui em Lucas são as mulheres que anunciam aos discípulos a boa nova.

c) Evangelho de João:

João, o último dos evangelhos, faz um relato deveras diferente deste episódio (20.1-18). Apenas Maria Madalena aparece. É um relato mais pessoal de uma mulher que busca o Senhor amado. João nem sequer diz que ela foi ungi-lo, apenas foi ao sepulcro e viu que a pedra que o fechava fora retirada e o corpo havia desaparecido. Maria Madalena imediatamente avisa alguns discípulos que correm ao local, constataam o fato e simplesmente voltam para casa. Somente ela permanece ali, chorando. É nesse meio tempo que conversa com dois anjos e em seguida vê e reconhece Jesus. Recebe então a incumbência de anunciar a boa nova. Jesus não está mais entre os mortos!

d) Evangelho de Mateus:

Em Mateus (29.1-10), os fatos da visita das mulheres ao túmulo adquirem uma forma extraordinária. Terremoto que retira pedra da entrada do sepulcro e anjo com aspecto de relâmpago. Aqui, guardas cuidavam do sepulcro e ficam aterrorizados com os fatos. Também são as mulheres que recebem, primeiro do anjo e depois do próprio Jesus, a incumbência de anunciar a boa nova, Jesus não está mais entre os mortos!

Este evangelho, escrito de forma sistemática, isto é, bem ordenada, vai nos mos-

trando desde o nascimento do Messias, a apresentação de seu programa através do chamado Sermão da montanha, sua pregação e uma sucessão de milagres que testificam suas palavras, os obstáculos que encontra por parte dos homens, a oposição encontrada por parte dos chefes judeus e finalmente sua morte e ressurreição.

O SENTIDO DA MORTE DE JESUS

A morte de Jesus poderia ter sido um episódio como tantos outros que aconteceram naquela época quando os indesejáveis, os "perturbadores da ordem", os ladrões etc. eram crucificados e assim se resolviam os problemas. Será que os problemas eram realmente resolvidos? Acontece que os planos de Deus através de Jesus eram outros. A morte não poderia derrotá-lo, ao contrário, ela seria um início do novo. "Se o grão não morrer..." É certo que à primeira vista a morte de Jesus decepcionou a muitos. Deixou seus amigos e amigas mais íntimos desolados, sem esperanças. Marcos diz que, quando Maria Madalena foi avisar "àqueles que tinham estado na companhia dele" que havia visto Jesus, eles estavam aflitos e choravam (Mc 16.10). Como é que Jesus havia se permitido morrer daquela forma? Onde estava todo seu poder, os milagres que realizara? E agora? Foi a solidariedade das amigas de Jesus que permitiu o anúncio da boa nova. Ele havia morrido mesmo, nada mais restava a fazer senão levar um pouco de perfume para untar seu corpo. Imaginem a surpresa quando o corpo não é encontrado, quando no lugar de um cadáver aquelas mulheres encontram, pouco depois, o próprio amigo vivo, conversando com elas. Esta é a maior alegria da vida.

IMPORTÂNCIA DA RESSURREIÇÃO

Em todos os quatro evangelhos encontramos os textos que se referem à ressurreição de Jesus. Todos eles, cada um a seu modo, dão especial atenção a este episódio na vida e morte de Jesus. Sem ressurreição não haveria cristianismo, não estaríamos aqui, hoje, reunidos e conversando sobre uma nova vida. Crer na ressurreição é um ato de fé mas mesmo assim é interessante notarmos que cada evangelista tomou conhecimento do fato de forma diferente, mantendo apenas a mensagem central. Isto normalmente não ocorre com fatos que são criados, elaborados para serem espalhados como verdades definitivas.

Desde o princípio da criação Deus nos acompanha, seus filhos e filhas, colaborando conosco em tudo. Mesmo após nosso desastroso afastamento, ele não nos abandonou à nossa própria sorte. Sofremos sim, as consequências deste afasta-

mento. É a ganância que nos acompanha, a destruição da natureza como se ela não fosse obra de Deus, o ódio ao próximo, a indiferença para com os necessitados, a violência contra os mais fracos, o desrespeito contra nossos próprios corpos, a alienação e tantas outras ações destrutivas que vão nos tornando cada vez mais egoísta e afastados do Criador. Tornamo-nos criaturas desgarradas, afastadas completamente do projeto original. No projeto original de Deus havia espaço para todo e todos. Tudo era bom, ou melhor, era muito bom conforme encontramos em Gênesis, "Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom" (Gn 1.31). Não faltaram esforços de Deus para que recuperássemos o paraíso perdido. A história da salvação culminando com a ressurreição de Jesus é prova disto.

CONCLUSÃO

Verificamos no dia-a-dia que a morte sempre afeta as pessoas. Infelizmente pensamos que ela é apenas aquele momento final. Não é. Há muitas formas de matar a vida mas há também muitas maneiras de vencer as várias formas de morte. A morte de Jesus ocorreu como consequência de sua obediência ao Pai. Sua ressurreição foi uma prova radical de Deus para demonstrar que a morte pode ser vencida. Qualquer tipo de morte. Nós passamos pela morte a cada momento em que desrespeitamos a vida. Infelizmente, há muitas pessoas, inclusive cristãos, que só encaram a morte como aquele último instante. Com isto continuam matando e às vezes morrendo todas as vezes que negligenciam a criação como um todo. Precisamos crer que a ressurreição pode ser um fato não apenas final mas diário e para toda a criação.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Como podemos entender a ressurreição tendo em vista o ministério de Jesus?
2. A morte de Jesus foi o último sacrifício exigido por Deus. Como entender quando as pessoas dizem que temos que nos sacrificar para servir a Deus?
3. O que você pode renovar em sua vida desde agora?

A Ascensão de Cristo e o Desafio Missionário



At 1.6-11

Segunda-feira
Mt 28.1-10

Terça-feira
Mc 16.9-20

Quarta-feira
Lc 24.44-53

Quinta-feira
1Co 15.1-11

Sexta-feira
Ef 4.7-14

Sábado
At 1.1-5

17

INTRODUÇÃO

A mensagem da ressurreição e ascensão de Cristo está condicionada às formas como vemos e entendemos estes fatos. Para alguns eles se dão em termos de tempo e espaço; a vida terrestre, oposta à vida celeste. Para estes o mundo é dividido em dois planos; um aqui, terreno, baixo, triste, pecador, condenado à destruição e, o outro, no céu, depois da morte, alegre, sem pecado, eterno. Muitos hinos e coros da Igreja refletem este pensamento.

A partir da Palavra de Deus, revelada plenamente em Jesus Cristo, seu Filho, e da ação do Espírito Santo, a presença dinâmica e ativa de Deus no mundo, ainda pela visão wesleyana da integridade da obra de Deus, entendemos que o mundo é um todo. O céu começa aqui. A vida eterna tem seu início neste mundo, transformado pela graça de Deus e atuação dos seus filhos e filhas, a começar por Jesus Cristo: o exemplo maior, nosso modelo.

Outros pensam a vida aqui como parte da vida eterna. O céu começa aqui; é outro modo de viver a vida. O mundo é um todo, uno, céu e terra e será transformado em lugar de justiça e paz pela ação do Espírito Santo na vida dos crentes.

A vida, morte, ressurreição e ascensão de Cristo formam um conjunto completo de ações visando a instalação do reino de Deus. Assim, para nós a

ressurreição e ascensão formam a **ENTRONIZAÇÃO** de Jesus Cristo como o **Messias - Redentor** do mundo. Esta vida constitui-se no lugar do **ENCONTRO** com ele, ou da sua rejeição, da sua redenção.

O TEMA DA ASCENSÃO E A BÍBLIA

É ponto comum ao Novo Testamento que "Cristo ressuscitou e apareceu aos discípulos e muitos o viram, a sós, em grupos ou pequena multidão durante algum tempo" (Lc 24.1-49; 1Co 15.3-8). As aparições diminuíram com o tempo. Paulo fala de sua visão de Cristo como "um aborto", nascido fora de época. Com o Pentecostes, o Espírito Santo invade a vida dos crentes e atualiza, reforça, incute neles a experiência e o conhecimento do Cristo ressurreto. Daí para frente as pessoas serão unidas a Cristo pela fé no testemunho e pelo batismo. A vida eterna começa então com a fé e o batismo (Rm 6.4-11). Pela fé as pessoas "nascem de novo", morrem para o pecado e vivem para Deus. Contudo, aguardam a "redenção do corpo" (Rm 8.18-30), mas já vivem a vida eterna (Jo 3.16-18).

Quanto à ascensão os textos não são uniformes. Mateus nada fala sobre ela (Mt 28.18-20). Para ele, Jesus está presente com os discípulos até o fim dos tempos. Confiados nesta **PRESENÇA PERMANENTE** eles cumprirão a missão de "fazer discípulos, batizar e ensinar os mandamentos de Jesus". O evangelho de Marcos faz menção (Mc 16.19), como "arrebatamento e assentamento à direita de Deus". Essas expressões aparecem em muitos outros textos bíblicos como sinônimos de **JULGAMENTO, JUÍZO**. Para o evangelista, Jesus ressurreto é entronizado com Deus e instala o juízo sobre o mundo. "Quem crer e for batizado será salvo; quem não crer será condenado" (Mc 16.16). Aos discípulos cabe proclamar o "Evangelho" e o juízo presente em Cristo, pois Cristo é o Evangelho (Mc 1.1).

Lucas segue Marcos mas coloca a ascensão em Betânia, no domingo da ressurreição (Lc 24.50-52), quarenta dias depois em Jerusalém (At 1.3-22). Este evangelista sempre associa a ação de Jesus com a do Espírito Santo; é o Espírito que torna experimentável a presença de Jesus ressuscitado. O Pentecostes é o momento do investimento dos discípulos para o testemunho (At 2).

Paulo é semelhante a Lucas; fala do Cristo presente pelo Espírito Santo (Ef 1.13-14), e dos que crêem como vivendo já os sinais do Reino (Rm 8.1-2; 14-17). Ao converterem-se, as pessoas se despem do que é velho (carne, tempo, mundo) e vestem-se de Cristo, e nele devem continuar até que todo o mundo se torne impregnado da vida em Cristo (1Co 13.22-28). Contudo, os que crêem estão ainda limita-

dos pela "carne e o sangue" (1Co 15.50-53) que serão transformados (verso 51) em novo "corpo incorruptível", quando a glória de Deus se manifestar, trazendo consigo a plenitude do Reino, o qual será vivido em sua totalidade de significado e sentido.

João fala das aparições de Jesus na Judéia e na Galiléia. Jesus mesmo dá o Espírito Santo (Jo 20.22-24) e comissiona os discípulos ao trabalho ainda em vida terrena. João não fala da ascensão. Cristo já está PRESENTE no mundo e, crendo, as pessoas tornam-se "UM" com ele e com Deus (Jo 20.17). Os discípulos ficam no mundo e Cristo está invisível, mas ativo em todos os momentos (Jo 17.15-23). E já em sua vida Jesus instala o juízo final (Jo 3.18).

A ASCENSÃO E SEU SIGNIFICADO PRÁTICO

Nos textos examinados, Jesus, entronizado instaura o "reino de Deus no mundo", e ele não terá fim. Os crentes vivem, já, o tempo do fim, do juízo, da ação do Espírito Santo. Este é o tempo da construção da nova vida, uma nova forma de ser "conforme Cristo" (Rm 8.28-30; Fp 3.8-11). Os textos estão ligados aos desafios colocados à vida e ação dos(as) discípulos(as). Em quê consiste o novo governo instalado por Cristo sobre o mundo? Esta é uma questão ligada diretamente à ascensão uma vez que ao ser assunto ao céu, Jesus anunciou que os discípulos receberiam poder através do Espírito Santo, para serem testemunhas de todas as maravilhas que Deus tem operado e deseja operar na vida dos(as) fiéis, na Igreja e no mundo.

O testemunho de João Wesley também ajuda a compreender o sentido dinâmico da ressurreição/ascensão:

a) Sermão "O Caminho do Reino" (Sermões, volume 1, pág. 148ss):

"Dá-se a tal estado de alma (a santidade e a felicidade) o nome de "reino de Deus" por caracterizar o fruto imediato de Deus na alma renovada. Logo que Deus assume a completa soberania, firmando o seu trono em nosso coração, este se enche imediatamente de "justiça, e paz e gozo no Espírito Santo" ... Desde que as pessoas tenham semelhante experiência, podem afirmar diante dos humanos e dos anjos:

- Conquistada está a vida eterna,
- Começou a Glória na terra.
- Adoramos-te e a ti que, em forma humana, condescendeste em aparecer.
- Sem cessar se cantem aleluias.
- E louvor aqui te oferecemos, como se nos prostássemos no céu.

- Porque onde presente estás, aí os céus se abrem".

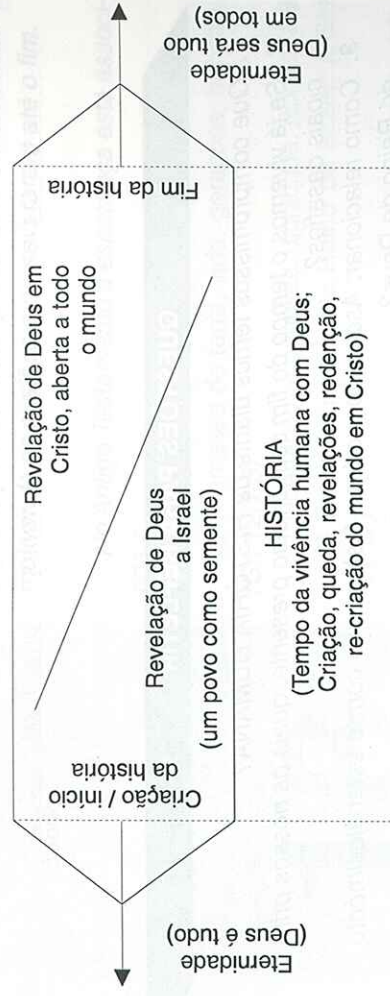
b) Notas sobre o Novo Testamento (sobre Mateus 3.2.22):

"O Reino do céu e o reino de Deus são duas frases para uma mesma coisa. Significam não só um estado alegre no céu, mas também um estado de ser desfrutado na terra; a adequada disposição para a glória do céu, não a sua possessão... Significa aqui a dispensação evangélica na qual as pessoas serão unidas a Deus por seu filho, e formarão uma sociedade que haverá de subsistir primeiro na terra, e depois com Deus na glória. Em alguns lugares da Escritura a frase denota mais particularmente sua realidade na terra; em outros significa só o estado de glória; mas geralmente inclui a ambos".

CONCLUSÃO

Pode-se perceber que a RESSURREIÇÃO/ASCENSÃO, como a PAROUSIA (segunda vinda de Cristo), são sinônimos de PRESENÇA DEFINITIVA DA VIDA DE DEUS NO MUNDO; presença do reino entre os humanos. A vida cristã, neste contexto de presença divina permanente, é uma CAMINHADA DE SANTIFICAÇÃO, ou usando os termos paulinos: "é o desvestir-se do velho ser humano para vestir-se de Cristo, até que alcancemos a estatura da plenitude de Cristo, e ele seja tudo em todos.

Podemos traçar esta história salvífica num gráfico:



A Vinda de Cristo

INTRODUÇÃO

O tema da nossa lição de hoje é **PAROUSIA**, ou seja: a segunda vinda de Cristo.

Como vimos na lição passada, esta vinda está sendo preparada pelo próprio Senhor na ação do seu Espírito no mundo e em nós. Retomaremos agora o assunto com outro enfoque, o da esperança.

A ESPERANÇA E A BÍBLIA

Esperança é um tema central da Bíblia. Ela é ligada à história vivida com fé e solidariedade. Paulo a coloca ao lado da fé e do amor como um elemento integrador; quando o Reino vier em sua plenitude, o amor permanecerá, a vida encontrará sua dimensão plena da eternidade, isto porque a fé e a esperança estiveram presentes, sustentando e motivando os cristãos a perseverarem até o fim.

No Antigo Testamento a esperança está associada a:

- 1) Promessa de terra, vida, gerações, bênção; (Gn 12.1-3)
- 2) Libertação e conquista, dignidade; (Êx 3.6-17)
- 3) Estabelecimento do Reino de Israel; (2Sm 7.1-17)
- 4) Retorno, restauração, vitória; (Jr 33.14-26)
- 5) Reino do Messias: justiça e paz; (Is 65.17-25).



2Pe 3.1-13

Segunda-feira
Dn 7.1-15

Terça-feira
Am 8.4-14

Quarta-feira
Mt 24.15-28

Quinta-feira
Mt 20.20-28

Sexta-feira
Is 13.1-22

Sábado
Cl 3.1-4

18

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. Que compromissos temos diante da HISTÓRIA HUMANA?
2. Se já vivemos o tempo do fim com o reino presente, quais os nossos principais desafios?
3. Como relacionar: Ascensão, poder e testemunho com o estabelecimento do Reino de Deus?
4. A ressurreição é o ato presente? Futuro? Ou em desenvolvimento, isto é, já presente, mas AINDA NÃO em plenitude?

Os quatro primeiros temas são referenciais históricos de Israel que servem de SINALIZADORES para os cristãos. O quinto tema foi diretamente incorporado à fé cristã com a vida, morte e ressurreição de Cristo. Para nós, Cristo é o MESSIAS e SENHOR.

No Novo Testamento o tema da esperança relaciona-se com:

- Fim da corrupção e da injustiça; (Rm 8.18-25)
- Renovação do mundo e da natureza; (Ap 21.1-8)
- União com Cristo e transformação da carne; (Rm 8.1-11)
- Felicidade em superar a dimensão meramente material; (1Co 15.12-19)
- Reconciliação, justiça e amor (Rm 5.1-11)

Em nossos dias o reino messiânico de Cristo, sua vinda, despertam posições de fé como:

1 - O reino de Deus será instalado com o juízo final quando este mundo acabar. Então haverá uma segunda vinda de Cristo.

Este mundo será catastróficamente destruído para a instalação do outro, com posto de "novo céu e nova terra". Alguns chegam prever para breve este fim; outros falam de demora ainda.

2 - O reino de Deus já está definitivamente instalado em Jesus Cristo. Os cristãos já vivem o reino. Este mundo está sendo transformado pela ação do Espírito nos cristãos em novo mundo.

3 - A história é dividida em dispensações; uma antiga, outra nova. O tempo agora é da irrupção (aparecimento repentino) do juízo final. Os dispensacionalistas ora associam a vinda do juízo final a datas (fim do milênio, previsões datadas) ou a acontecimentos (passagem de cometas, guerra do golfo pérsico...), o assunto é, portanto, de acalorada discussão.

4 - Para nós, a Vinda do Messias é:

- a) Tempo de salvação - (Is 61; Dn 7.26-28; Lc 4.18-19)
- b) Marca do fim da corrupção e da injustiça (Rm 8.21-22)
- c) Renovação do mundo e da natureza - (Rm 8.21; Ap 21-22)
- d) Vivência do Espírito Santo (At 2.20; Jo 14.18,23)
- e) Tempo da união com Cristo e da transformação da carne - (Rm 8.1-11; Cl 3.1-4)

f) Ruptura com o velho modo de ser - (Mt 10.34-39; Rm 6.5-14)

g) Conclusão da obra restauradora de Deus, em seu tempo: "kairós" (At 1.6-7).

Vemos aí que os textos são diversificados. Contudo podemos retirar algumas informações sobre a vinda do Messias/Cristo.

- 1 - Ela implica na destruição das seguranças humanas,
- 2 - Traz salvação e condenação; é juízo presente,
- 3 - Exige tomada de posição, a favor ou contra a nova vida em Jesus,
- 4 - É extensiva a todo o mundo,
- 5 - É preventiva, terapêutica, mas também aniquiladora. Isto implica em exigências; de conversão, santidade, compromisso.

ESPERANÇA NA VIDA / PRESENÇA DE CRISTO

Esperar é vigília, expectativa atenta e persistente; é atitude de coragem e compromisso com o ser esperado. Assim uma mulher, quando grávida, aguarda comprometidamente o filho que ainda não vê, mas já o percebe vivo dentro dela. Por isso a esperança faz parte da fidelidade - que é confiar e agir em conformidade com.

Se o reino já está presente, nossa esperança é a de entrar e tomar parte nele, agora. O "Pai Nosso" revela isso: "Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu".

Se é também futuro, nossa esperança consiste em não perdê-lo de vista, esforçando-nos por mantermo-nos à altura dele, coerente e ativamente. O "Pai Nosso" pede: "Venha o teu reino".

A 2ª Epístola de Pedro foi escrita ao final do século I d.C. Era momento de muita perseguição à Igreja. Ameaças internas de divisões, falsas lideranças, falsas idéias; e externas (perseguição imperial, castigos, mortes, difamação, privação de bens...) dificultavam a vivência da fé.

Como o discurso de Jesus (Mt 24.3-31), esta carta segue modelos apocalípticos de interpretação da vinda de Cristo. Procuremos lê-la sob estes elementos.

- 1 - Que expressão o texto usa para falar da PAROUSIA (vinda)?
- 2 - Que idéias correntes existem ali sobre o tempo da vinda?

- 3 - O tempo que antecede a PAROUSIA é para quê?
- 4 - Quais os deveres dos crentes frente à vinda de Cristo?
- 5 - Como será o novo modo de viver? O que os crentes esperam?

A VINDA DE CRISTO HOJE

Muita gente está alvorçada neste fim de milênio. Grupos prevêem o fim do mundo, outros suicidam-se crendo serem arrebatados, outros ainda falam em catastrófes e tomam as que estão acontecendo com sinais dos tempos, pessoas são ame-drontadas com visão apocalíptica do fim do mundo, por obra humana ou não.

Começemos com os calendários. Calendário é convenção humana, o nosso, chamado Juliano, começa com Jesus Cristo (ano 0) e divide o tempo em dois: Antes de Cristo (aC) e depois de Cristo (dC, ou AD = ano Domini). Ele foi montado lá pelo século III dC. Para os judeus estamos no VI milênio. Para os muçulmanos o tempo é calculado a partir da Égira, de Maomé há 16 séculos. Os indígenas andinos estão no V milênio. Os cientistas falam do ser humano na terra há 100.000 anos e dão ao mundo bilhões de anos. Desta forma não podemos fixar nossa fé em calendários. Todo milenarismo é derrubado aí. O sentido do tempo para nós é outro, o da salvação.

A Bíblia trabalha com o tempo dentro de uma sequência salvífica. Essa divisão é teológica, evangelizadora, e não medida através de calendários. Ela consiste em :

ETERNIDADE - CRIAÇÃO/QUEDA - REVELAÇÕES - DIA DO JUÍZO - ETERNIDADE

Nessa divisão a nossa história e tempo são a oportunidade para encontrar e produzir a vida, o tempo de plantar a eternidade na comunhão com Deus. A história é o tempo da salvação.

Por essas razões a fé bíblica implica em compromisso atual, constante, atualizado com Deus para a superação dos nossos limites (pecado, injustiças, morte, pobreza, ignorância). Deus é, neste tempo, parceiro maior de luta, e o Criador - em nós da eternidade. Esse Deus revelou-se a Israel em sua história, e a todo o mundo em Jesus Cristo. Os humanos não estão, portanto, sozinhos na história. Viver é estar com Cristo e CONFORMAR-SE, tomar a forma dele, não CONFORMANDO-SE com o estado de coisas deste mundo (pecado, limites, injustiças, desesperanças).

CONCLUSÃO

A vinda de Cristo é, neste sentido, PRESEÇA PERMANENTE para salvação do mundo a quem Deus ama. A ressurreição/ascensão/vinda de Cristo é marco desta presença conosco (EMANUEL), percebida já pela fé. Somos, já, pela fé e o batismo, incorporados a Cristo; ressurreitos com ele. Já temos em nós a semente da vida eterna cabendo-nos a responsabilidade de sermos para ela a terra fértil, sem impecilhos, que a permitam produzir frutos. Vivemos, no entanto, limitados pela CARNE, na busca da PERFEIÇÃO. Nossa esperança não se limita, pois, a esta vida; ela projeta-se para a vida eterna, adquirida pela fé e conservada pela SANTIFICAÇÃO e SERVIÇO no reino de Deus.

Esperamos nova vida no mundo, com justiça. Já fazemos parte dela através do "santo procedimento e piedade" (2Pe 3.11). A nossa esperança tem então raízes no presente da fé, e projeta-se para o futuro quando tornar-se-á tudo em todos.

QUESTÕES PARA REFLETIR

1. O que mais chamou sua atenção nesta lição? Comente.
2. Qual a visão da classe sobre o tema da Parousia? Como esta questão tem sido trabalhada em sua comunidade?

A Estratégia Para Ter Um Relacionamento Feliz

O Fim da Guerra dos SEXOS

VITÓRIA NO RELACIONAMENTO A DOIS

JAMES D. MALLORY

James D. Mallory, psiquiatra nos Estados Unidos, mostra neste livro como nos relacionarmos melhor. O objetivo de "O FIM DA GUERRA DOS SEXOS" é ajudar homens e mulheres a se conhecer melhor e encontrar todas as estratégias para ter um relacionamento feliz e realizado.

ligue já
(011) 246-8100
toll free
0800-55-5870

 **EXODUS**